



TEATRO BRINQUEDO
 JOÃO SINHO ANDA pra TRÁS
 DE BRASÍLIA PARA RECIFE
 TIO JUCA
 Nos intervalos de cada espetáculo, TIO JUCA está divertindo as crianças do Recife, com um mundo de atrações: BRINDES! SORTEIOS! CONCURSOS!

TEATRO SANTA ISABEL
 Setembro de 1957
 ALFREDO DE OLIVEIRA
 apresenta
O MEDROSO
 peça em 3 atos, original de Gracya Mello, com diálogos de Miroel Silveira pelo

TEATRO PARA CRIANÇAS NO RECIFE – 60 Anos de História no Século XX

Leidson Ferraz

ela de Belém
 SA HASBUM
 classe
 0-1.º andar

AQUARIUS
Ce
 DE MARILU ALVAREZ
 DIREÇÃO: JOSÉ MA
TEATRO DE SANTA ISABEL
 gráfica Pematra
 APOIO: MINISTÉRIO DA CULTURA - INSTITUTO NACIONAL DE

Teatro MARROCOS
 ÚLTIMA SEMANA
 Companhia Internacional de Marionetas
HOJE
 às 20,30, Soirée
 Vespertal às 16 hs.
 VERDADEIRA CONSAGRAÇÃO INTERNACIONAL
 MAIS ORIGINAL ESPETÁCULO DE CRIANÇAS DO MUNDO !!!
 QUINTAS E SÁBADOS VESPERTAIS ÀS 16 HORAS
 AOS DOMINGOS
 VESPERTAL ÀS 16 HORAS



TEATRO PARA CRIANÇAS NO RECIFE – 60 Anos de História no Século XX

Leidson Ferraz

Incentivo:

 FUNCULTURA

 FUNDARPE
FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE
PERNAMBUCO

Secretaria de
Cultura



PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO



Este trabalho tem a pretensão de salvar de uma certa morte parte da história teatral para crianças no Recife, reunindo momentos lúdicos, intensos, belos, equivocados, dramáticos e corajosos de tantas vidas. A começar daqueles que deixaram rastros de uma memória mínima, colhida em matérias de jornal ou raros programas de espetáculos. Por simplesmente terem tentado fazer algo com imaginação, coragem, respeito e amor à infância, ainda que alguns nem expressem tanto em suas produções, meu desejo é que nas linhas desta pesquisa continuem a existir ou simplesmente resistir ao esquecimento.

Recife, dezembro de 2013.



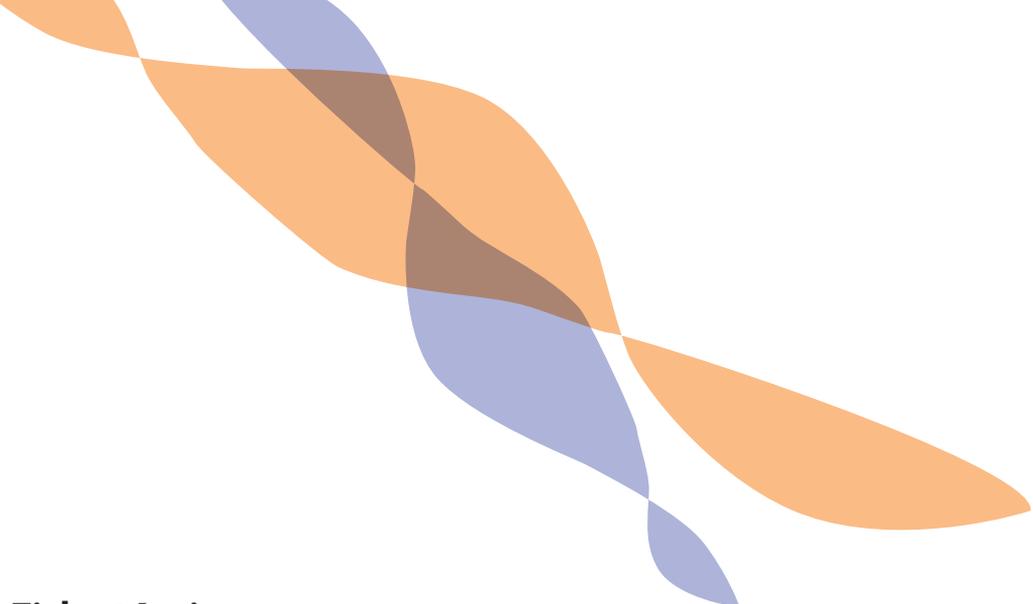


Agradeço aos que fazem o Funcultura, Arquivo Público Estadual de Pernambuco e a todos os artistas que me ajudaram com informações ou material de seus acervos. Dedico esta pesquisa a minha mãe, Luzinete de Castro Ferraz, que cultivou minha infância com tamanho zelo, e, em memória, a alguns amigos do teatro que estariam bem felizes com a conclusão de tamanha empreitada, Marco Camarotti, Luiz Souza, Carlos Salles e Bobby Mergulhão.

Leidson Ferraz

Ator, jornalista e pesquisador teatral





Ficha técnica

Texto, pesquisa, organização, edição e proponente cultural

Leidson Ferraz

Assistentes de pesquisa

Denni Sales

Elivânia Araújo

Mônica Maria

Revisão

Leidson Ferraz

Rodrigo Dourado

Projeto gráfico e diagramação

Claudio Lira

Coordenação administrativa

Laurecília Ferraz

Nenhuma matéria jornalística está aqui reproduzida na íntegra, tendo todas as suas fontes, sem exceção, devidamente registradas, como respeito ao direito autoral das mesmas.

Este material é totalmente gratuito, não sendo permitida sua comercialização.

Contato: leidson.ferraz@gmail.com



A N O S 1 9 5 0



Um Século de Glória

C

Com o início do ano de 1950, apenas três casas de espetáculos funcionavam mais frequentemente no Recife: o Teatro de Emergência Almare, o Teatro do Dérbi – também utilizado como cinema –; e o Teatro de Variedades, no Parque 13 de Maio, durante a Festa da Mocidade. Somente em maio, o Teatro de Santa Isabel finalmente retornou à atividade na celebração dos seus 100 anos, com programação especial sob a responsabilidade do diretor da casa, Valdemar de Oliveira. O Teatro de Amadores de Pernambuco preparou, então, o mega espetáculo *Um Século de Glória*, com a participação de artistas de outros grupos como o Teatro dos Bancários, TEP, TUP e o Teatro Experimental do Recife. Nele, trechos da trajetória do teatro foram lembrados, inclusive a iniciativa de Valdemar de Oliveira com o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, que funcionou naquele palco de 1939 a 1942. O mesmo palco recebeu a temporada do importante Teatro Popular de Arte, empresa dos artistas Sandro Polloni, Itália Fausta, Maria Della Costa e Graça Mello. Ator e diretor, este último acabou realizando diversos trabalhos no Recife, inclusive no segmento para a infância com o grupo Teatro de Brinquedo.

Ainda como parte da comemoração do centenário do Teatro de Santa Isabel, o TAP estreou, em agosto, a comédia adulta *Arsênico e Alfazema*, de Joseph Kesselring, com poucas sessões, já que a pauta continuava disputadíssima como sempre. Também foram programadas temporadas de duas outras companhias convidadas, a Companhia Brasileira de Comédias, dirigida por Procópio Ferreira, e a Companhia Nacional de Comédia Jayme Costa, ambas do Rio de Janeiro. No final daquele ano, Valdemar de Oliveira escreveu artigo no *Jornal do Commercio* (14 de novembro de 1950) sobre o “teatro vil que não é a farsa, a comédia baixa ou a sátira, mas a contrafação e abastardamento de tudo isso – numa palavra: a chanchada, que vem de *chancho*, em espanhol significando: pôrco, sujo, desasseado”, como resposta a Procópio Ferreira por este ter incluído no seu repertório a peça *Precisa-se de Um Pai*, de Pedro Muñoz Seca, considerada uma chanchada, estilo tão condenado pelo di-

retor do Teatro de Santa Isabel. O ator-empresário, então, denunciou Valdemar de Oliveira à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais como prejudicial aos artistas e ele acabou entregando o seu cargo de diretor daquela casa (mas alegou incompatibilidade com um cargo federal que ocupava na Faculdade de Medicina da Universidade do Recife), função que foi assumida por seu irmão, Alfredo de Oliveira, a convite da Prefeitura do Recife. O fato gerou diversos comentários na imprensa, e Valdemar de Oliveira nunca mais retornou àquela função.

O ano de 1950 marcou ainda o reaproveitamento, por pouco tempo, do Teatro Helvética, inaugurado como cine-teatro em 1910, na rua da Imperatriz, e há anos funcionando apenas com exposições cinematográficas. A tentativa partiu do empresário Barreto Júnior, que levou duas peças adultas por lá, *O Marido Nº 5*, de Paulo Magalhães, e *O Hóspede do Quarto Nº 2*, de Armando Gonzaga, ambas sob direção de Lenita Lopes e com bom retorno de público. Em outubro, aquela casa de espetáculos e cinema deveria ter recebido a estreia de um conjunto teatral infantil assumidamente com pretensão profissional, o Teatro de Brinquedo (o mesmo nome que Barreto Júnior deu às suas matinais dominicais), com a peça *A Côrte do Rei Bolão*, de Luiz Maranhão Filho, **contando no elenco, entre outros, com Jomar Austregésilo (rádio-ator da Rádio Clube de Pernambuco), Leovigildo Maranhão, Hélio Lêdo e Fernando Antônio.**

Consciente que o garoto recifense se via “privado de divertimentos nesta capital”, como declarou à *Folha da Manhã* (11 de agosto de 1950), a equipe afirmou o desejo maior de se dedicar, exclusivamente, ao teatro para crianças em caráter profissional, mas a ideia foi abortada. O texto do pernambucano Luiz Maranhão Filho, figura dos meios radiofônicos, da Rádio Tamarandará, e que atuou como crítico do *Diário de Pernambuco*, só estreou, de fato, em outubro de

Maria das Graças e Marçal Arruda (Grupo Infantil de Comédias)

1954, em terras paulistas, quando o conjunto Teatro Infantil, de São Paulo, dirigido por Cezar Giorgi, lançou a peça no Teatrinho do Parque Internacional de Ibirapuera, sob os auspícios da Comissão do Quarto Centenário da Cidade de São Paulo. O acontecimento foi devidamente comemorado pela imprensa pernambucana.

No Recife, o Grupo Infantil de Comédias, por sua vez, em 1950, preparou para apresentação no Teatro do Dérbi, em homenagem ao coronel Viriato de Medeiros e ao major João Rodrigues, que permitiram a volta das atividades teatrais naquela casa de espetáculos, a peça em 2 atos *Céu de Meu Brasil*, do próprio diretor Valdemar Mendonça, com músicas do pianista Antônio Paurílio, o mesmo que dirigiu a orquestra na peça *Branca de Neve e os 7 Anões*, pelo Grêmio Scenico Espinheirense, em 1939. **No elenco de crianças, Valdez Pessoa, Rudy Barbosa, Maria Lúcia de Barros, Josemar Matos, Janete Pessoa, Roserval Barbosa, Zito Vieira, Lindalva de Andrade, Geraldo Torres, Marcos Antônio e a garotinha de cinco anos, Denise Barbosa.** Como de praxe, houve distribuição de presentes ao público e um “interessante show” dos artistas mirins ao final. Pouco depois, também levaram

ao palco do Teatro do Dérbi, *Inveja*, peça infantil dramática em 2 atos de Jomar Austregésilo. Sobre a apresentação da peça *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues, no palco do Teatro do Atlético, na Estrada dos Remédios, em Afogados, o crítico Isaac Gondim Filho registrou no *Jornal do Commercio* (28 de novembro de 1950):

As crianças, meninos e meninas, desincumbiam-se mais ou menos satisfatoriamente de seus papéis. Entre os pequeninos intérpretes alguns são verdadeiros valores, donos de grande potencial artístico e bem capazes de transmitir as mais puras emoções dramáticas. (...) Entretanto, preferimos não dar destaque a nenhum nome dos pequeninos atores e atrizes. Assim, evitaremos qualquer idéia de estrelismo ou vaidade que, de um modo ou de outro poderiam ser prejudiciais àqueles caracteres artísticos ainda em formação. (...) Falhas e defeitos há e grandes, e naturalmente o seu diretor bem os conhece e também é muito capaz de poder saná-los. O que êle, naturalmente, leva em conta para não suprimi-los rapidamente será com certeza o espírito de independência e valorização das próprias tendências artísticas dos seus pequeninos dirigidos. Deixa-os um tanto à vontade para não prejudicá-los a naturalidade e a espontaneidade, e também para não limitar-lhes as vocações que são tão patentes... (...) o que mais é digno de louvor é que numa cidade como a nossa, desprovida quasi (sic) totalmente de diversões apropriadas às crianças, Waldemar Mendonça tem mantido o seu Grupo Infantil de Comédias durante nove anos a fio, levando um teatro honesto e educativo, motivo de divertimento e instrução, às crianças de quase todos arrabaldes, especialmente àqueles onde o público infantil é mais

numeroso, mais humilde e que entretenimento sadio não pode facilmente conseguir. Deante desta argumentação, tudo o mais deve ser silêncio.

Foi ainda no final de outubro de 1950 que Barreto Júnior transferiu o Teatro de Emergência Almare para o Parque 13 de Maio e continuou apresentando repertório de comédias ligeiras para os adultos rir, como *Onde Estás, Felicidade?*, de Luiz Iglézias, e *A Cigana Me Enganou*, de Paulo Magalhães. Quanto ao Teatro de Santa Isabel, já que ficou quase oito meses parado, os anos 1950 e 1951 foram marcados, ainda mais, pela vinda de muitas companhias de fora, todas querendo aproveitar o público do Recife, 3º polo teatral do Brasil, como alardeava a imprensa já naquela época. A produção local, então, diminuiu consideravelmente por falta de espaço para apresentações, muito à mercê dos pedidos de pautas das companhias profissionais itinerantes. Mas, diferente do que acontecia nos anos anteriores – excetuando 1939 e 1949 – algumas delas incluíam peças para crianças em seu repertório. É o caso, por exemplo, da Companhia de Comédias Raul Levy e Nair Ferreira com temporada de duas semanas no Teatro de Santa Isabel, em 1951, dando destaque “ao cômico das multidões, Totó”. Além dos espetáculos para o



público adulto rir, a equipe não esqueceu das matinais infantis por dois domingos, às 10 horas, com *O Anel Mágico*, que promovia distribuição de anéis e bombons às crianças.

Naquele mesmo ano, também veio ao Teatro de Santa Isabel a Companhia Portátil de Comédias Mário Sallaberry-Lucy Lamour com peças adultas e que, ao emendar temporada seguinte no Teatro de Emergência Almare, a preços populares, sob o lema “teatro mais barato que cinema”, chegou a apresentar a montagem infantil *As Aventuras de Pinóchio*. Outra que veio ao Teatro de Santa Isabel foi a Companhia de Comédias Iracema de Alencar que, além de treze peças adultas, trouxe uma infantil, *A Gata Borralheira*, de Lyad de Almeida. Para insatisfação geral pernambucana, naquele ano, nenhuma companhia do estado foi contemplada com subvenções destinadas pelo Serviço Nacional de Teatro, ao contrário de muitas destas que circulavam pelo país. Com o teatro infantil em baixa, fez sucesso entre a gurizada recifense o programa de auditério da Rádio Jornal do Commercio, *Cresça e Apareça*, aos domingos, às 9h30, com concurso de calouros infantis e distribuição de prêmios; assim como o Grande Circo Nerino, instalado no Parque 13 de Maio, com destaque às *matinées* infantis, e também o Circo Bouglione.

No final de 1951, após esperar mais de um ano, finalmente o Teatro de Amadores de Pernambuco voltou a ocupar o Teatro de Santa Isabel, estreando a comédia adulta *Do Mundo Nada se Leva*, de George Kaufman e Moss Hart, sob direção de Willy Keller. Na sua coluna *A Propósito...*, no *Jornal do Commercio* (21 de outubro de 1951), Valdemar de Oliveira desabafou:

Mais de um ano sem fazer algo de novo, em virtude de possuímos apenas um teatro. O mesmo aconteceu com o Teatro Universitário e com o Teatro do Estudante, que vão aparecer dentro em pouco, apro-



veitando uma clareira na pauta – antes tão misteriosa... – do Teatro Santa Isabel.

Mas no ano de 1951 surgiu uma outra casa de espetáculos no Recife, o Teatro do Comerciário (ou Teatro de Bolso dos Comerciários), inaugurado no dia 7 de setembro, no salão de espetáculos da sede do Sindicato dos Empregados no Comércio do Recife, na rua da Imperatriz, com a peça adulta *Jardim das Confidências*, do escritor Aníbal de Melo Couto, sob direção de Alderico Costa, pelo grupo homônimo Teatro do Comerciário. Pelo menos até 1954 há registros do espaço em funcionamento, mas sem nenhuma peça para a infância programada.

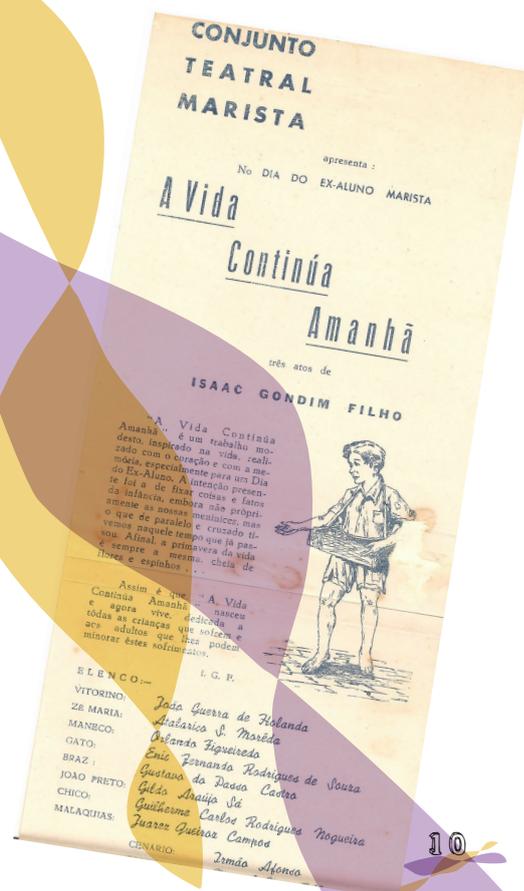
Em fevereiro de 1952 chegou ao Recife o Teatro do Estudante do Brasil (TEB), dirigido por Paschoal Carlos Magno no Rio de Janeiro. A elogiada equipe cumpriu temporada de absoluto sucesso no Teatro de Santa Isabel, até março, com peças adultas, como *Hécuba*, de Eurípedes, “sem a presença do ponto”, como ressaltava no programa dos espetáculos; e promoveu ainda, em matinal, às 10 horas dos domingos, com entrada franca, *A Revolta dos Brinquedos*, fantasia infantil escrita em 1948 por Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, lançando esta obra na capital pernambucana – um dos textos mais encenados até hoje no Brasil. A peça foi levada para outros espaços, como o Hospital Infantil, Biblioteca Po-

pular de Casa Amarela, Sanatório Otávio de Freitas, Educandário Para Filhos de Hansenianos e Parque 13 de Maio. Com o fim da temporada do TEB foi o TEP quem ocupou o Teatro de Santa Isabel, novamente aberto às crianças, com a temporada de três textos em um único espetáculo: *A Cabra Cabriola*, de Hermilo Borba Filho; *Mãe da Lua*, de José de Moraes Pinho; e *A Caipora*, de Genivaldo Wanderley, todos sob direção deste último e já observados aqui anteriormente.

Na sexta-feira santa de 1952, em matinal às 10 horas, no Palco do Cine-Teatro Olinda do Feitosa, o Grupo Infantil de Comédias apresentou a versão de Valdemar Mendonça para *O Mártir do Calvário*, com 3 atos e 8 quadros (*Jerusalém, Sala do Synhedrio, A Ceia, Jardim das Oliveiras, Synhedrio, Calvário e Santo Sepulcro*) e cenários e figurinos de época. Os personagens principais foram vividos por Zito Vieira (Jesus), Rudy Barbosa (Judas), Valdez Pessoa (Caifás e Pedro), Janete Pessoa (Anás), Suzana Barros (Nicodemos), Luiza Guimarães (José de Arimatéia), Marçal Arruda (Centurião) e Denise Barbosa (Anjo). Os demais apóstolos e soldados romanos e hebreus foram interpretados por outros artistas mirins do grupo. Ainda na ficha técnica, maquinaria de Lídio Guimarães e Josafá Pereira; controle de som de Artur Magalhães e sonoplastia e direção geral de Valdemar Mendonça. Engraçado perceber que o elenco é formado em sua grande maioria por meninas que interpretavam os personagens bíblicos masculinos. Talvez por isso, na imprensa, se omita o nome de cada uma, registrando apenas suas iniciais e sobrenomes. Também em 1952, o Grupo Infantil de Comédias apresentou no mesmo palco do Cine-Teatro Olinda do Feitosa, com cobrança de ingressos populares, a peça em 2 atos *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues, cuja estreia aconteceu dois anos antes. No elenco, Rudy Barbosa, Valdez Pessoa, Marilene Santos, Zito Vieira, Lúcia Pedrosa, Marçal Arruda e Janete Pessoa. Como sempre, muitos presentes foram

distribuídos e um ato variado encerrou o espetáculo, contando com vários artistas e destaque para Roserval Barbosa.

Já no dia 15 de agosto de 1952, no Teatro de Santa Isabel, foi o Conjunto Teatral Marista, ligado ao Colégio Marista, quem estreou *A Vida Continua Amanhã*, de Isaac Gondim Filho, texto voltado às “crianças do Recife, especialmente estudantes e escolares”, conforme o *Jornal do Commercio* (19 de setembro de 1952). A peça retornou à cena mais algumas vezes a pedido do público, até 20 de setembro. No elenco totalmente masculino (somente na década de 1970 a instituição de ensino se tornaria mista), João Guerra de Holanda, Atalarico Soares Moreda, Orlando Figueiredo, Enio Fernando Rodrigues, Gustavo do Passo Castro, Gildo Sá, Guilherme Carlos Nogueira e Juarez Queiroz Campos. Na ficha técnica: cenário do Irmão Afonso Haus; maquinaria de Alceu Domingues Esteves e Aluísio Pereira; eletricidade de Aníbal Mota e contrarregagem de Manuel Maia Filho. Com longos anos de atividade (e de onde saíram artistas como Rui Cavalcanti, Isaac Gondim Filho, Péricles Mara-



nhão, José Laurênio de Melo, João Guerra de Holanda, Marcelo Pessoa, Epitácio Gadêlha, Salustiano Gomes Lins, José Nobre e o poeta Guerra de Holanda, entre outros), o Conjunto Teatral Marista já havia levado à cena, em setembro de 1950, no Teatro do Dérbi, *Cueicure*, com direção do Irmão Afonso Haus, posteriormente um exímio construtor de presépios.

Ainda em 1952, para marcar o encerramento das atividades escolares do 1º semestre, a Divisão de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura do Estado apresentou no Teatro de Santa Isabel, em três sessões gratuitas, sempre às 17 horas, os quadros regionais de autoria da professora Celeste Dutra, *Nossos Avós Contaram...*, pelo Setor do Teatro Escolar formado por alunos de grupos escolares do Recife. O bailarino Raul Antônio colaborou com o trabalho, assim como as professoras Maria da Conceição, Eunice Barbosa, Maria Tereza Mendonça, Wynne Campos de Oliveira, Helena de Azevedo Melo e Maria José Campos Lima, “verdadeiras missionárias da boa educação”, segundo o crítico J. B. do *Diário de Pernambuco* (17 de junho de 1952). O cenário foi assinado por Carlos Amorim. O ano de 1952 ainda deu destaque para duas outras produções escolares, *A Bela Adormecida do Bosque*, montagem com bonecos, numa realização do Colégio Regina Pacis, com sessão no Cinema Paroquial das Graças, em setembro; e a revista infantil *O Despertar da Princesa*, que voltou à cena em outubro, no Educandário Imaculada Conceição, no bairro do Barro, com alunas daquela instituição de ensino, sob direção da professora Maria do Carmo Xavier, atendendo a “insistentes pedidos”. Para o público adulto, um *frisson* aconteceu em 1952, quando, no Teatro Almare, Barreto Júnior iniciou uma série de chanchadas com sua Companhia de Revistas. Os espetáculos permaneciam cerca de quinze dias em temporada, com enorme sucesso e ampla divulgação nos jornais. Alguns chegavam a cumprir três sessões aos sábados, com vespéral às 15

horas, e também às 19 e 21 horas. O lançamento deste novo perfil dos trabalhos do empresário se deu com a revista carioca *Felipeta Está de Tanga*, de Paulo Orlando. Em seguida, *Vovozinha, Cadê o Meu?*. Curto e grosso, o crítico J. B. chegou a escrever no *Jornal do Commercio* (19 de setembro de 1952): “O que se fez ou se faz no Almare não deve se levar em conta como teatro”.

Responsável pela 1ª peça infantil apresentada no Teatro de Santa Isabel em 1939, *Branca de Neve e os 7 Anões*, o Grupo Cênico Espinheirense voltou às atividades, mas não mais dedicado à infância, em junho de 1953, com a peça *Compra-se um Marido*, de José Wanderley, em sessões no Salão Paroquial do Espinheiro. Em seguida, estreou *Era Uma Vez Um Vagabundo...*, de José Wanderley e Daniel Rocha, ambas ensaiadas por Augusto Almeida à frente da equipe. A atriz Leda Alves recebeu elogios da imprensa na época. Também em junho de 1953, a Divisão de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação preparou *O Baile na Flôr*, “fantasia” em três atos e sete quadros de autoria de Beatriz Ferreira, um grande sucesso. Até outubro, a montagem foi reapresentada três vezes, em vespéral, às 15 horas, aos domingos, atendendo ao pedido de grande número de pessoas e com renda sempre revertida às caixas escolares dos grupos da capital.

Também aos domingos, com presença de auditório, várias emissoras de rádio promoviam suas domingueiras matinais voltadas às crianças. A Rádio Tamandaré, por exemplo, às 10 horas, fez bastante sucesso com *Rádio Recreio*, “um programa infantil, sadio e instrutivo”, como propagavam os anúncios de jornal. Entre as atrações do mês de agosto, foi agendado o espetáculo infantil *Bazar de Bonecas*, com bailados, música e recitativos, sob patrocínio do refrigerante Crush. A mesma Rádio Tamandaré apresentava ainda outros programas infantis vitoriosos, como o *Clube Papai Noel* e *O Cirquinho do Gi-*



Maria Auxiliadora
e Maria Anunciada
(Grupo Infantil de
Comédias)

gante. Já a Rádio Clube de Pernambuco, além de promover Matinais Infantis no auditório da P.R.A.-8, situado na avenida Cruz Cabugá, às 9 horas dos domingos, sob direção de José Edson, reunindo mais de 600 crianças a cada edição – exibindo filmes e desenhos, além de sorteio de prêmios (velocípedes, bolas de futebol, bonecas, tecidos, caramelos e biscoitos) e com presença de artistas do Cast A-8 na parte musical –, mantinha o programa *Era Uma Vez*, com “teatrinho infantil”, às 19 horas dos domingos, sob patrocínio da goma de mascar Cliclets. Entre as peças lá radiofonizadas, *Pé de Moleque*, história original de Aldemar Paiva.

Solenizando a passagem do seu 12º aniversário, o ano de 1953 foi bem intenso para o Grupo Infantil de Comédias, com espetáculos mensais, aos domingos, a preços populares, às 16 horas, agora ocupando o Centro Paroquial Frei Casimiro, em Campo Grande, junto à matriz de N. Sra. do Bom Parto. Em maio, a turma promoveu a peça em 2 atos, *As Flores da Padroeira*, original de Valdemar Mendonça, sempre na direção geral do conjunto. No elenco, Jarbas Holanda, Marçal Arruda, Paulo Lacerda, Juvêncio Nobre, Roserval Barbosa, Carlos Roberto, Napoleão

Pereira, Luiza Guimarães, Suzana Barros, Vânia Lacerda, Marlene Souza, Janete Pessoa e Margarida Pires. A equipe técnica era formada por Lídio Guimarães e João Carlos na maquinaria; Artur Magalhães no controle de som; Rudy Barbosa na contrarregragem e João Vieira como o ponto. Além de presentes distribuídos ao público, o espetáculo finalizou-se com um show a cargo de artistas do grupo, dando destaque à garotinha Sonia Maria.

Em junho de 1953, reestreadam *O Rouxinol da Fazenda*, de Valdemar Mendonça. Ainda neste mês, fizeram a peça religiosa em 2 atos e 7 quadros, *Santa Terezinha do Menino Jesus*, numa adaptação de Valdemar Mendonça e com grandes despesas para a montagem. No elenco, Marçal Arruda, Juvêncio Nobre, Napoleão Pereira, Luiza Guimarães, Suzana Barros, Vânia Lacerda, Marlene Souza, Janete Pessoa e Vilma Dias. Os técnicos continuavam os mesmos. Em agosto, foi a vez de reestreadem *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues, com distribuição de vários presentes para crianças e adultos. Em setembro, nova montagem com *Quando Chega a Felicidade*, do próprio Valdemar Mendonça. E, em outubro, *Rosinha, a Filha do Bosque*, do autor José Emídio de Lima.

Naquele ano, o crítico teatral do *Diário de Pernambuco* (21 de março de 1953), Isaac Gondim Filho, já tinha publicado palavras de entusiasmo à continuidade do grupo:

O Grupo Infantil de Comédias é um caso à parte no nosso ambiente teatral. (...) graças ao esforço e à tenacidade de Valdemar Mendonça que, acima de tudo, é um idealista. (...) Os pais apreciam as realizações de Valdemar Mendonça porque antes de mais nada há para os seus filhos uma lição de moral em cada peça apresentada. Ora, podem ser apontados os defeitos de sua realização, podem mes-

mo ser discutidos vários pontos de vista. Mas inegável é que se ressalte o valor da sua obra. Numa cidade como a nossa, pobre de diversões sadias para as crianças, sobretudo as dos arrabaldes, é o Grupo Infantil de Comédias o único dos nossos conjuntos com as atenções voltadas para o grande público de guris que não tem diversão apropriada. Além do mais, a nosso ver, o grande mérito (...) é o de despertar nas crianças o gosto pelas coisas sérias do teatro. E desperta-o não só nos pequeninos atores e atrizes como também na legião de pequeninos assistentes. Estas são considerações que agora fazemos por sabermos que o Grupo Infantil de Comédias vai prosseguindo na sua série de espetáculos mensais, ora aqui, ora ali, lutando com uma enorme quantidade de obstáculos. Assim é que amanhã, o Grupo Infantil de Comédias estará no palco do Centro Educativo Operário de Campo Grande levando uma peça de Jomar Austregésilo intitulada "Amor Materno". Vivendo os diferentes personagens estarão: Guido de Souza, Lindalva Andrade, Jarbas Pereira, Vânia Maria, Suzana Barros, Luiza Guimarães, Janete Pessoa, Marçal Arruda, Rudy Barbosa. E ainda outros, no ato variado, como Roserval Barbosa, Juvêncio Nobre e Sônia Barros. (...) Nestes anos todos de atividades outros foram os seus integrantes que, pela contingência mesmo de haverem crescido, desligaram-se do conjunto de Waldemar Mendonça. Entretanto, muitos deles continuam a fazer parte de outros grupos, agora como adolescentes ou mesmo como adultos. Em todos porém foi lançada a semente de uma visão mais séria e digna acerca das coisas de arte, com especialidades em relação ao teatro. E se hoje não fazem parte ativa de algum grupo cênico, ha nêles o interêsse pelo drama e pela comédia, ao menos como

espectadores. Esta a grande virtude de Waldemar Mendonça: formar os artistas e as platéias do futuro. Por isso, apontamos a todos o bom exemplo a seguir.

Em agosto de 1953, o carioca Graça Mello, que dirigiu duas peças adultas a convite do Teatro de Amadores de Pernambuco naquele ano – *Massacre*, de Emmanuel Roblês, e *A Verdade de Cada Um*, de Luigi Pirandello, ambas bastante elogiadas –, proferiu uma palestra sobre o teatro para crianças. Foi ele quem dirigiu, junto a Henriette Morineau, pela companhia Os Artistas Unidos, a 1ª versão de *O Casaco Encantado*, marco do teatro profissional brasileiro no gênero infantil. Na realidade, mais de 200 espetáculos, amadores e profissionais, figuram em sua carreira, com destaque também para a históri-

Graça Mello



Alfredo de Oliveira

ca montagem de *Vestido de Noiva*, pelo grupo Os Comediantes, em 1943, na qual trabalhou como ator. Foi a partir de 1953 que Graça Mello veio mudar o cenário do teatro para crianças no Recife, incentivando o então diretor do Teatro de Santa Isabel, Alfredo de Oliveira, a produzir uma montagem verdadeiramente profissional. A estreia se deu no dia 16 de agosto de 1953 com a retomada das matinais dominicais naquela casa de espetáculos e o lançamento de um novo conjunto teatral voltado às crianças, o Teatro de Brinquedo. A peça escolhida foi *O Príncipe Medroso*, farsa infantil em 3 atos de Graça Mello, com direção do próprio, também atuando. Ainda no elenco, sua esposa, a atriz Lydia Vani e mais, Clênio Wanderley, Paulo Alcântara (o ator Sebastião Vasconcelos em codinome), Amaraldo Lopes Pereira, Luiz Mendonça, Clóvis Almeida, Hercy Lapa de Oliveira e Alfredo de Oliveira. Os diálogos eram assinados por Miroel Silveira. A peça teve ampla divulgação de anúncios na imprensa, com lotação esgotada em sua 1ª sessão.

Mesmo ressaltando que o Teatro de Brinquedo agradou bastante, o crítico Isaac Gondim Filho teceu o seguinte comentário no *Diário de Pernambuco* (18 de agosto de 1953) após a estreia:

Não pretendemos discutir as qualidades positivas ou negativas do espetáculo, embora sentíssemos certa falta de leveza no todo da realização, como cremos ser ideal para tal gênero de teatro. Graça Mello

criou um ótimo “rei” de caricatura; Lydia Vani foi uma “princesa” como devem ser as princesas de histórias para crianças; Alfredo de Oliveira inteiramente à vontade, foi um menino grande que viveu um príncipe fabuloso, divertindo-se e divertindo muito, sobretudo aos adultos.

No total, foram sete sessões no Teatro de Santa Isabel, uma delas especialmente numa segunda-feira, ainda às 10 horas, sendo que o casal Graça Mello e Lydia Vani só fizeram as duas primeiras porque voltaram ao Rio de Janeiro por compromissos profissionais. Com essa partida, o elenco ficou assim constituído: Alfredo de Oliveira, Yara Lins, Adelmar de Oliveira, Lys Marques, Amaraldo Lopes, Luiz Mendonça e Hercy Lapa de Oliveira.

Paralelamente à 2ª récita de *O Príncipe Medroso*, surgiu um novo conjunto teatral no Recife com foco na criança, alardeando no *Diário de Pernambuco* (30 de agosto de 1953) que “pela primeira vez em um espetáculo para crianças será reunido um elenco de tão largos méritos, um elenco de estrelas”. Foi o Teatro do Nordeste, iniciativa de Isaac Gondim Filho, que assumiu a direção geral da equipe e estreou com a peça *O Casaco Encantado*, de Lúcia Benedetti, programada para o sábado, 3 de setembro de 1953, em vespéral de pré-estreia às 15 horas, no Teatro de Santa Isabel. Sem temer os autos elogios, prometeu-se no *Diário de Pernambuco* (1 de setembro de 1953) “um dos maiores es-



petáculos já realizados para a gurizada de nossa cidade". Sobre o texto, esclarecia em edição anterior do *Diário de Pernambuco* (27 de agosto de 1953): "Esta magnífica comédia infantil constituiu há alguns anos o maior sucesso nacional de Madame Morineau que a representou de norte a sul do Brasil". No elenco, Joel Pontes (José), Waldir Fiori (João), Jomery Pozzoli (Feiticeiro), Clênio Wanderley (Ministro), Gerson Vieira (Rei), Teresa Farias Guye (Feiticeira), Margarida Cardoso (Vovó), Teresa Leal (Princesa), Themira Pontes (Relógio) e os menores Alfredo Sérgio Borba (filho do teatrólogo Hermilo Borba Filho) e Sílvio Romero Melo (Pajens). Os atores foram apresentados com orgulho no *Diário de Pernambuco* (1 de setembro de 1953):

Para tal espetáculo o Teatro do Nordeste reuniu-se um elenco de reais valores da cena pernambucana, verdadeiras estrelas do nosso palco: Jomery Pozzoli, o querido "Capitão Atlas" da meninada; Joel Pontes, o diretor de rádio-teatro da Rádio Jornal do Comércio; Tereza Farias Guye, a Monica Maria das novelas de sensação; Margarida Cardoso, a principal figura feminina de *O Canto do Mar*, agora voltando aos nossos palcos; Teresa Leal, a inesquecível "Desdemona" de *Otelo* e catedrática de espanhol; Waldir Fiori, do cast de rádio-teatro da Rádio Jornal do Comércio; Clênio Wanderley, um dos elementos de maior projeção do rádio e do teatro pernambucanos; além de Gerson Vieira, Themira Pontes e outros.

Os variados cenários e figurinos foram assinados pelo pintor pernambucano Antônio Heráclio

to. Estelita Wanderley ficou responsável pela costura de todo o "luxuoso" guarda-roupa e os técnicos Antônio José de Almeida (o Zezinho), Alceu Domingos Esteves e Aluísio Pereira construíram os "fabulosos" cenários. Os efeitos especiais de luz e mágica ficaram ao cargo do electricista Aníbal Mota. Com ingressos vendidos a "preços populares", houve distribuição de bombons às crianças. A peça fez sete sessões ao total, todas no Teatro de Santa Isabel, quase sempre em dias da semana, provavelmente por falta de pauta livre. Algo curioso é a presença do ator Clênio Wanderley desdobrando-se nos dois elencos infantis daquele momento, o do Teatro de Brinquedo e o do Teatro do Nordeste.

No domingo dia 11 de outubro de 1953, o Teatro de Brinquedo lançou sua 2ª montagem no Teatro de Santa Isabel, em vespéral às 15 horas, *O Soldadinho do Rei*, de Lúcio Fiuza, com cenários de Mário Nunes e Carlos Amorim, contando ainda com um número de música de Nelson Ferreira e coreografia com quatro alunas do Ballet de Ana Regina. No elenco, Yara Lins, Ademar de Oliveira, Lys Marques, Luiz Mendonça, Amalardo Lopes, Paulo Alcântara (o ator Sebastião Vasconcelos) e Marta Maria. Quatro meninas eram as Pagens: Nadja Machado, Eliane Machado, Maria Elisabeth Ferreira de Oliveira e Solange Lapa de Oliveira. A peça fez nova sessão no domingo, 18 de outubro. Foi o mesmo crítico Isaac Gondim Filho quem comentou no *Diário de Pernambuco* (29 de outubro de 1953):

Sabemos que Lúcio Fiuza deu carta branca a Alfredo de Oliveira afim de modificar certos trechos, cortar outros ou mesmo acrescentar novas passagens. O fato



é que, não podemos precisar até onde foi a mão de um ou de outro. Mas o resultado é que “O Soldadinho do Rei” está num bom nível de teatro para crianças. Reconhecemos ser este um dois mais difíceis gêneros teatrais, sobretudo no que se refere à mentalidade e à psicologia infantis. (...) Se a peça em dados momentos ressentir-se de menor falta de interesse, falta esta motivada, talvez, pelo alongamento excessivo na dialogação, o que nos parece contra-indicado em teatro para criança, tem a valorizar-lhe, como espetáculo, a encenação que o Teatro de Brinquedo lhe deu. E nisto cabe a palma a Alfredo de Oliveira que soube fazer dos cenários e dos costumes motivos de atração para o público. Assim, nada menos que seis cenários nos são apresentados, alguns de muito bom efeito e com truques que, naturalmente, são o encantamento de quantos os vêem. E além dos cenários, Alfredo de Oliveira apresenta, através dos personagens, um bonito e variado guarda-roupa. Os cenários são devidos a Alvaro Amorim, Carlos Amorim, Luiz de Barros e Mário Nunes. Os figurinos de Hercy Lapa de Oliveira. Dos intérpretes, Alfredo de Oliveira faz com a naturalidade e o desembaraço habituais o papel central, secundado por Lys Marques e Luiz Mendonça que progridem sensivelmente. Ainda, Yara Lins num papel que lhe dá apenas oportunidade de aparecer e mostrar a sua bonita figura, ao lado de Ademir de Oliveira, Amaraldo Lopes, Paulo Alcântara e a estreante Marta Maria. Quatro meninas: Nadja, Eliane, Maria Elisabeth e Solange Fazem os pagens do final e são a delícia de todos, pela graça natural e pela maneira como se comportam ao realizar a marcação de Walter de Oliveira sob a música de Nelson Ferreira. Em resumo,



“O Soldadinho do Rei” pelo Teatro de Brinquedos é uma realização muito digna de ser vista pelos seus inúmeros méritos e, por isso mesmo, muito categorizada no gênero a que se propõe.

Ainda em 1953, o Conjunto Teatral Marista lançou *Uma Estrela Correu no Céu*, texto de 3 atos, com um prólogo e um epílogo, escrito por Isaac Gondim Filho, que teatralizou a vida do padre Champagnat, fundador dos Irmãos Marista, com o objetivo de comemorar o Cincoentenário Marista da Província do Brasil Setentrional. A direção foi confiada a Alderico Costa, com cenários do irmão Afonso Haus, música do maestro Miguel Barkokebas e elenco composto por alunos e ex-alunos maristas. Certamente tratava-se de uma montagem direcionada a todas as idades. Foram três sessões espaçadas no Teatro de Santa Isabel e entrada franqueada. Com tanta movimentação nas opções de teatro para a meninada, inclusive com o lançamento, finalmente, de duas companhias profissionais, Isaac Gondim Filho, no *Diário de Pernambuco* (29 de setembro de 1953), lançou artigo sobre aqueles que se dedicavam, naquele momento, ao público infantil do Recife:

A lista de nomes ligados de uma maneira ou de outra, como dirigentes ou idealizadores de espetáculos infantis, atinge talvez a uma dúzia cheia de boa vontade: Alfredo de Oliveira, responsável pelo Teatro de Brinquedo; Joel Pontes, diretor artístico do espetáculo infantil do Teatro do Nordeste; Celeste Dutra, autora de peças infantis e organizadora de representações de crianças e para crianças no sector Pré-Dramático da Divisão de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação; Beatriz Ferreira, também autora e de certa maneira ligada às realizações teatrais infantis da mesma Divisão de Extensão Cultural e Artística; Carmosina Araujo que com o seu Teatro de Marionetes Monteiro Lobato tem realizado espetáculos para crianças até mesmo fora do Estado de Pernambuco; Maria José Campos Lima, idealizadora e realizadora do seu Teatro Infante-Juvenil de Operetas; Waldemar Mendonça que vem batalhando há anos com o seu Grupo Infantil de Comédias; Ir. Afonso Haus, movimentador de todas as artes no Colégio Marista e principal responsável pelo Conjunto Cênico Marista que realiza espetáculos com crianças e para crianças, fugindo ao normal das festinhas colegiais para oferecer verdadeiros espetáculos. Estes são alguns dos mais diretamente interessados em teatro para crianças, em suas várias modalidades: a todos ou pelo menos a alguns, por vários motivos, faltam-lhes a continuidade de realizações. (...) Assim é que, até bem pouco tempo, apesar de tudo, éramos uma cidade em que teatro para crianças era uma necessidade e, sobretudo, uma lacuna. Até bem pouco tempo as crianças de nossa cidade não tinham, de uma maneira regular e acessível, um teatro para frequentar, não tinham espetáculos apropriados à sua mentalidade e ao seu

gôsto. Quase simultâneamente foram apresentados dois espetáculos infantis dentro de certa regularidade. (...) Mas, o essencial nisto tudo, é interessar cada vez mais o maior número possível de pessoas adultas neste assunto. Não só do ponto de vista das realizações, mas do dos espectadores. Interessar os pais, os mestres e educadores e quantos que, direta ou indiretamente, estão às voltas com as crianças e que tem a missão de lhes orientar e dirigir por estes caminhos do mundo. Interessar todos os responsáveis por crianças, pois dêles, em grande parte, depende o desenvolvimento do gôsto artístico dos pequenos caracteres em formação e, dêstes, as platéias do futuro.



Barreto Júnior

Pelo menos até a finalização desta pesquisa em dezembro de 2013, Barreto Júnior continuou a ser o maior construtor de teatros do Recife. Em 1949 criou o Teatro de Emergência Almare, que acabou sendo transferido para a Festa da Mocidade, no Jardim 13 de Maio, em outubro de 1950. A 12 de maio de 1954, uma quarta-feira, inaugurou outro espaço, o Teatro Marrocos, na avenida Dantas Barreto, como um "teatro provisório". A estreia se deu com *O Futuro Presidente*, peça de sucesso da sua Com-

panhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, aplaudida anteriormente no Teatro de Santa Isabel. A 28 de março de 1957, uma quinta-feira, surgiu o novo Teatro Marrocos, desta vez localizado ao lado do Teatro de Santa Isabel. O ator empresário escolheu a chanchada *Mulher Aqui Está Sobrando*, de José Vanderlei, para retomar a carreira de sua casa de espetáculos, que perdurou por dez anos, assumidamente como um teatro de caráter popular e constantemente chamado pela imprensa de "Barracão do Barreto Jr." por sua estrutura de madeira. Diversas companhias de fora ocupavam a pauta, e, durante a Semana Santa, era comum seu elenco apresentar peças de caráter religioso, como *Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo*. As montagens para a infância também ganharam espaço na programação mais adiante.

Paralelamente às atividades deste empresário teatral cabense, que desde a década de 1940 já circulava pelo Norte e Nordeste do Brasil com a sua Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, os anos 1950 marcaram o sucesso de alguns conjuntos pernambucanos em outros estados do país já que, neste período, pela 1ª vez um teatro de qualidade mais elevada em Pernambuco pôde ser apreciado por espectadores do Sudeste e Sul brasileiros. Exatamente no ano de 1953, o Teatro de Amadores de Pernambuco (TAP) fez sua 1ª excursão ao Rio de Janeiro, em cartaz por um mês no Teatro Regina com quatro peças de seu repertório, *Esquina Perigosa, A Casa de Bernarda Alba, Arsênico e Alfazema e Sangue Velho*, sucesso absoluto de público e crítica! Em 1954, foi a vez da equipe ir a Porto Alegre e, em 1955, a São Paulo. Em 1957, o TAP voltou ao Rio de Janeiro, para temporada de um mês no Teatro Dulcina, com as peças *A Comédia do Coração, Bodas de Sangue e A Verdade de Cada Um*, repertório que não foi tão bem recebido pela crítica carioca.



Quanto ao Conjunto Teatral Marista, após o sucesso em 1953 de *Uma Estrela Correu no Céu*, o grupo estreou no Recife, no ano de 1954, um novo texto de Isaac Gondim Filho, *Senhorzinho de Engenho*, com pequenos atores amadores. Também naquele ano, especificamente no mês de setembro, no Palco do Centro Paroquial Frei Casimiro, o Grupo Infantil de Comédias montou *Um Devoto de São Benedito*, peça em 2 atos de Valdemar Mendonça. No elenco, Mariana Andrade, Jefferson Barbosa, Carlos Roberto, Maria Auxiliadora, Marçal Arruda, Vilma Dias, Luiza Guimarães, Roserval Barbosa, Maria Teresa, Maria Anunciada, Vanilda Dias e Maria do Carmo. Um show finalizou a apresentação. Ainda em 1954, veio à cena um novo trabalho pelo mesmo grupo, *Meu Sertão*, peça em 2 atos de Valdemar Mendonça. Enquanto isso, nem o Teatro do Nordeste nem o Teatro de Brinquedo, os dois conjuntos profissionais lançados em 1953 com foco na infância, produziram nada de novo ou voltaram à cena, sendo o 1º extinto.

Com o Teatro de Brinquedo inativo, Alfredo de Oliveira voltou-se ao teatro adulto em 1954, dirigindo o Teatro de Estudantes na fantasia dramática *Pala-Hi*, de Fernando de Oliveira Mota, enquanto atuava em *Um Morte Sem Importância*, de Yvan Noé, sob direção de Graça Mello, pelo TAP. Num ano de pouquíssima opção para

a infância, foram os bonecos da Cia. Internacional de Marionetes Rosana Picchi a atração mais comentada da Festa da Mocidade, de dezembro de 1954 a janeiro de 1955, com matinées infantis no horário diurno e noturno, sendo que à noite as autoridades competentes autorizavam a entrada de crianças maiores de cinco anos. Já no Teatro de Santa Isabel, de 4 a 6 de janeiro de 1955, com sessões às 15 e 17 horas, finalmente surgiu novidade local com o Teatro Universitário de Pernambuco (TUP) cumprindo curta temporada com sua única produção para crianças, o auto natalino *O Boi e o Burro a Caminho de Belém*, de Maria Clara Machado. A montagem surgiu após oficina com Eros Martim Gonçalves, que veio especialmente do Rio de Janeiro e quis divulgar texto de sucesso em terras cariocas pelo grupo O Tablado, dirigido pela própria dramaturga Maria Clara Machado.

Na versão local, os atores Gilberto de Oliveira e Joel Pontes interpretavam, respectivamente, o Boi e o Burro (este último, também vivido por Cláudio Viana em revezamento). Ainda no elenco, outros atores adultos e um grupo de crianças no coro de Anjos e Pastoras. Os figurinos foram criações do artista pernambucano Reinaldo Fonseca e a música de Geraldo Menucci, com a colaboração do Coral Bach. O intrigante é que esta peça não é lembrada em nenhum material de repertório do TUP, talvez por ser a única voltada para crianças de toda sua história. Aquele ano de 1955, por sinal, foi um dos mais frutíferos para o Grupo Infantil de Comédias, que continuou a apresentar espetáculos mensalmente no palco do Centro Paroquial Frei Casimiro. Valdemar Mendonça escreveu quase todos os textos, dirigindo-os em sequência impressionante de produção. Vale registrar que ainda contavam com a figura do ponto ajudando os atores a lembrar suas falas.

A peça *A História do Mendigo* ganhou a cena em março. Em abril, foi a vez de *O Poder da Fé*.

Em maio, na celebração do seu 14º aniversário, contando com 15 artistas no elenco e já contabilizando 190 apresentações feitas ao longo de sua trajetória, o grupo preparou *A Princesa Maluca*, peça em 2 atos de Valdemar Mendonça, e promoveu o concurso “Qual a Menina Mais Bonita do Auditório?”, voltado para garotas dos cinco aos doze anos. **Tomaram parte neste elenco, Marçal Arruda, Jefferson Barbosa, Maria Auxiliadora, Maria do Carmo, Vilma Dias, Mariana Andrade e Marly Barbosa. Ainda na ficha técnica, maquinaria de Lídio Guimarães e João Carlos; controle de som de Arthur Magalhães Filho; contrarregra, Marçal Arruda; e ponto, João Vieira.** A direção geral era de Valdemar Mendonça. “Serão apresentados entretenimentos de auditório, com diversos presentes finalizando o espetáculo com um interessante *show*, a cargo de vários artistas do Grupo, inclusive Maria Anunciada, Maria Tereza, Adeilde Rodrigues e Sonia Maria”, publicou a *Folha da Manhã* (21 de maio de 1955). Em junho de 1955 foi a vez da comédia infantil *A Pequena Cigana*, 3 atos escritos pelo mesmo Valdemar Mendonça. Nela, o ator Marçal Arruda era considerado “o garoto veterano” do Grupo Infantil de Comédias. O cronista Otávio Cavalcanti, da *Folha da Manhã*, fez um registro (28 de junho de 1955):

Quatorze anos de existência não é brincadeira não. Ensinar ou dirigir crianças, ou as duas coisas ao mesmo tempo, é mais um sacerdócio do que apenas um mero passatempo. Respeitando pois, tão longo tirocínio, é que quero oferecer alguns conselhos a Valdemar Mendonça e seus *pupilos* do Grupo Infantil de Comédias, menos com propósito de crítica do que por desejo de cooperar com êle, a fim de que o G.I.C. se mantenha sempre firme, como vem acontecendo, e cada vez melhor, visto que é único conjunto, do gênero, existente no Recife, e que tem tido perseverança e fé. (...) mesmo sabendo

das suas dificuldades materiais e da exiguidade de meios financeiros (...) Começa que o palco do Centro Paroquial Frei Casimiro é pequenino, apertadinho, mesmo assim, cedido por uma generosidade da Paróquia local. A “caixa de ponto” localizada por fora do mesmo, é um *estafetmo* para a platéia, obstruindo a visão das cenas; se fosse possível fazer um recorte no lugar próprio e baixá-la mais, seria melhor; o “ponto” por sua vez, contava alto, ouvindo-se duas vezes a “fala” (...) o aparelho de alto-falante, em último volume, rangindo, atordoando, ensurdece e tira grande *atmosfera* do drama, cuja emoção desaparece dum ato para outro (...) A peça, por si – *A pequena cigana* é interessante e adequada para o desempenho dos seus intérpretes mirins e ao mesmo tempo de acordo com a idade dos espectadores de sua platéia: diálogos leves, frases acessíveis e de enredo atraente. Os pontos mais altos da representação estão em Marçal Arruda (*Mário* – o dono da casa); Mariana Andrade (*Aurea* – a esposa) e Maria Auxiliadora (*Walkiria* – uma cigana velha), que aliás estava uma “cigana moça” e muito simpática; a maquilagem foi pouca. As duas, às vezes bem, e às vezes um tanto declamatórias; o criado *Severino* (Jeferson Barbosa), fez bem a sua “pontinha”, mas movimentava muito os braços, em paralelo, de baixo para cima; foi bonita a cena do segundo ato, no rancho dos ciganos, onde aquele telão mostrava um bosque; após a refeição, as cigatinhas dançando em roda e agitando os pandeiros, e como o elenco é grande, para não alongar mais esta nota, vai aqui um conselho às demais cigatinhas – Maria das Graças (*Lêda*); Maria do Carmo (*Zena*, depois *Maria*); Aldecir Rodrigues (*Vera*); Adeilde Rodrigues (*Valeria*); Maria Anunciada (*Lívia*); Sônia Maria (*Selma*); Marly Barbosa (*Zita*); Maria Teresa

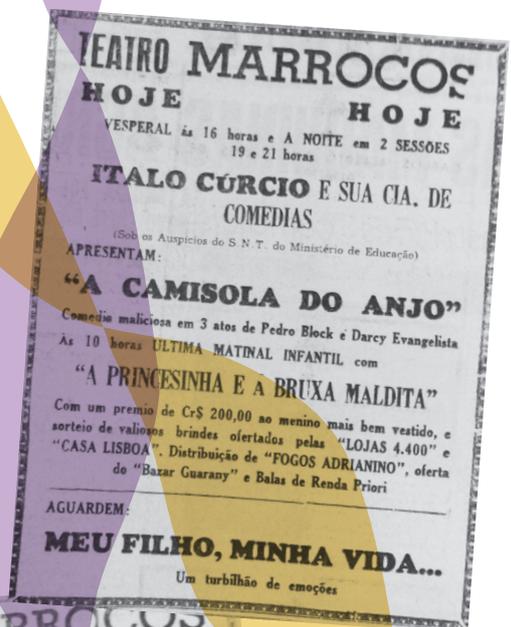


(*Tânia*) e mesmo as duas *Aurea* e *Walkiria*; mais entusiasmo e menos *declamação*, que vocês poderão dar um belíssimo espetáculo.

Ainda em maio de 1955, foi fundado no Recife o Teatro Escola Renato Viana, sob o comando de Walter Barros, que mais à frente voltou-se às produções para crianças com peças levadas a vários bairros populares. Sobre a programação também popular do Teatro Marrocos, “Teatro para rir, para divertir, sem mais nenhuma preocupação”, como registrava em seus programas, Barreto Júnior apresentava Italo Cúrcio e Sua Companhia de Comédias com Nair Ferreira. No elenco, a presença de Leila Diniz, Lélia Verbena, atriz pernambucana que atuou no Grupo Gente Nossa; e Raul Levy, entre outros. Além de várias comédias adultas, como *Filho de Sapateiro*, *Nos-*

sa *Gente é Assim* e *Mulheres Proibidas*, a equipe trouxe dois infantis em revezamento nas matinais de domingo, às 10 horas: *A Bonequinha do Rei*, fantasia infantil em 3 atos, e *A Princesinha* (sic) e *a Bruxa Maldita*, textos do próprio Italo Cúrcio. Nos intervalos, sempre havia sorteio de brindes às crianças, além da distribuição do Guaraná Saci, Fogos Adriadino e balas do Renda Priori. Até mesmo um prêmio em dinheiro foi ofertado ao menino mais bem vestido numa das récitas. Com repertório adulto vasto e sessões acontecendo de terça a domingo ininterruptamente, sendo que aos domingos geralmente aconteciam quatro sessões, às 10 horas para crianças e às 16, 19 e 21 horas para adultos, a companhia profissional costumava divulgar: “Se o público prefere Italo Curcio, para que contrariar o público?”. A equipe permaneceu no Recife alguns meses de 1955 e veio sob os auspícios do Serviço Nacional de Teatro, do Ministério da Educação e Cultura.

Concluindo sua programação para 1955, o Grupo Infantil de Comédias seguiu com nova sessão de *A Madrasta*, texto de Amélia Rodrigues, no mês de julho; e *As Duas Marias* e *O Corvo* e *a Raposa*, produção dupla em agosto. Como novidade em setembro, ainda tendo João Carlos como ponto, apresentou mais duas peças em 1 ato, a repetição de *O Corvo* e *a Raposa*, de Coelho Neto, e *Suave Milagre*, de J. Vieira Pontes, com os artistas Marçal Arruda, Jeferson Barbosa, Maria Auxiliadora, Adeilde Rodrigues, Maria do Carmo, Maria Anunciada e Sônia Maria prestando homenagem “ao maior sanfoneiro”, o garoto Reginaldo Magalhães Filho, que fez show ao final. A reapresentação de *Quando Chega a Felicidade*, de Valdemar Mendonça, com Carlos Vieira, Sônia Maria, Aldeci Rodrigues, Maria Auxiliadora, Adeilde Rodrigues, Maria Anunciada, Maria do Carmo, Jeferson Barbosa e Marli Barbosa, foi o destaque do mês de outubro. “Em seguida será feita a segunda apuração do concurso *Qual o melhor artista do Grupo Infantil de Comédias?* Finalizará o espe-



táculo o interessante show a cargo de vários artistas do Grupo e também do garoto sanfoneiro Reginaldo Magalhães Filho”, divulgou a *Folha da Manhã* (18 de outubro de 1955). No dia 27 de novembro, *A Pequena Cigana* foi finalmente apresentada no Teatro de Santa Isabel, num domingo, em matinal às 10 horas, com renda em benefício da construção do “teatrinho próprio” do grupo, sonho acalentado há alguns anos por Valdemar Mendonça e nunca concretizado.

No elenco, Jeferson Barbosa (Mário e o cigano velho Cláudio), Yolanda Rocha (Áurea), Carlos Vieira (Severino, o criado), Maria das Graças (Lêda), Maria do Carmo (Maria, a criada, e Ciganinha Zena), Maria Auxiliadora (Ciganinhas Walkíria e Flora), Aldeci Rodrigues (Ciganinha Vera), Adeilde Rodrigues (Ciganinha Valéria), Sônia Maria (Ciganinha Selma), Marly Barbosa (Ciganinha Zita) e Maria Frassinete (Ciganinha Tânia). Curiosamente, no Jornal *Folha da Ma-*

nhã, especialmente as artistas infantis do grupo ganhavam destaque com foto, notas ou matérias, algo raro para os intérpretes da época. Uma das resenhas foi dedicada a Maria Auxiliadora (6 de dezembro de 1955):

Das pequenas artistas que integram o elenco do Grupo Infantil de Comédias, sob a direção de Valdemar Mendonça, é Maria Auxiliadora uma das intérpretes principais. De comportamento exemplar a jovem atriz é por esse motivo muito estimada pelo seu diretor. Não tem especialização (sic) para esse ou aquele papel. No primeiro ensaio de cada peça, ela procura observar atentamente as explicações de gestos e inflexões ministradas pelo seu diretor, correspondendo perfeitamente a expectativa do mesmo. Na peça "A Pequena Cigana" cuja terceira representação foi realizada no Teatro Santa Isabel, ela viveu dois personagens diferentes: a cigana velha, e a cigana "Flôra" com 15 anos de idade. Por cujo trabalho a direção do Grupo Infantil de Comédias, recebeu muitos parabens, os quais foram transmitidos a ela com grande entusiasmo pelo seu diretor. Maria Auxiliadora, é filha do casal Abilio e Maria de Lourdes Gomes, e tem 14 anos de idade. Fez sua estréia no elenco do Grupo Infantil de Comédias, no dia 25 de Julho de 1954, tomando parte na peça de Valdemar Mendonça "Astúcias do Primo Zeca", encenada no teatro do Centro Paroquial Frei Casimiro, em Campo Grande, interpretando o papel de uma dama central, aliás um tipo de personagem bastante difícil para uma estreiante (sic).

Com renda em benefício do Natal das crianças e das caixas escolares dos estabelecimentos de ensino primário do Estado, foi prometida para

1955 a fantasia musical de Walter de Oliveira, *Música, Divina Música*, dirigida pelo próprio, com sessões programadas do dia 11 a 16 de novembro, incluindo algumas récitas exclusivas para estudantes, famílias e convidados, no Teatro de Santa Isabel, numa ação da Diretoria Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura. A proposta vinha para encerrar as atividades pré-dramáticas realizadas com alunos primários e ginasianos, contando com grande orquestra sob a direção do maestro Nelson Ferreira, compositor das músicas, entre outros autores; e participação do Coro do Serviço de Música e Canto Orfeônico da DECA, tendo como solista a cantora Maria Parísio, soprano lírico conhecida do rádio. "O espetáculo em que trabalham 152 crianças [número impreciso, já que divulgaram também 120 ou 130 integrantes], será apresentado em 2 atos, distribuídos em 18 quadros, em que se procurará demonstrar, de maneira leve e agradável, aspectos de evolução da música e da dança, sendo levados números de grandes efeitos", lembrou a *Folha da Manhã* (5 de novembro de 1955). A dança estava muito presente na montagem, como atestou o mesmo jornal em outra matéria (10 de novembro de 1955):

A parte coreográfica consta de bailados, ritmos, frêvos, fados, ciganas, cançonetas, foxs, maracatus minueto, chorinho, polka, baião, etc. estando a cargo das seguintes intérpretes, respectivamente: Cecy Maia Amorim Silva, Elza de Sousa, Helena Reis e Silva, Lenira Vilaça Lopes, Helena de Melo Antunes, Dulci Noya, Laura Bezerra, Maria de Lurdes C. Pedrosa Eunice Beltrão e Terezinha Menezes, além de muitos outros figurantes.

Mas, estranhamente, o espetáculo não fez essa temporada e acabou sendo transferido "em virtude dos últimos acontecimentos políticos, na capital do país", como consta na *Folha da Manhã* (13 de novembro de 1955), só estreando na

sexta-feira 18 de novembro de 1955, contando com os auspícios da senhora Avani Cordeiro de Farias, esposa do governador Cordeiro de Farias. Na 2ª sessão, no dia 20 de novembro, a montagem recebeu auspícios das senhoras casadas com Aderbal Jurema, o secretário de Educação e Cultura, e Djair Brindeiro, prefeito do Recife. Devido ao grande número de pedidos do público, a "fantasia" *Música, Divina Música* foi reapresentada dias 1 e 3 de dezembro, às 10 horas; dia 2 de dezembro, às 20 horas; e dia 4 de dezembro, às 15 horas, no mesmo Teatro de Santa Isabel. O cronista José Maria Marques, no jornal *Folha da Manhã*, publicou sua opinião sobre o trabalho (23 de novembro de 1955):

De um modo geral o espetáculo agrada, pois acima de tudo é representado por crianças e nelas tudo é graça, tudo é espontaneidade (sic) e encanto. Algumas vocações saltam para o primeiro plano a olhos vistos, como o garoto da "Cançoneta", João Batista Silva e a menina do miudinho, Maria José Rocha além das qualidades especiais que se pode notar em Ana Maria Rosa Borges e Elisabeth F. Oliveira, muito logicas, pois são rebentos dos casais Walter e Ladyclaire e Otavio e Geninha, artistas consumados do elenco do T.A.P. A sequência do programa é bem conduzida (apenas discordo do número do "Can-can", um tanto impróprio para o gênero do espetáculo). A coreografia está bem apresentada, com ótimo aproveitamento da passarela, destacando-se entre os outros, os números do Fox-Maracatu Cançoneta e a apoteose com o Frevo, este, sem exagero algum, "deslumbrante". A parte musical tem no maestro Nelson Ferreira o mestre de sempre. (...) Apenas faz-se necessário que as professoras da D.E.C.A. apresentem para o público, durante o ano, outras realizações desse gênero, mais modestas,

porém com a mesma finalidade e como maior prova do trabalho que realizam.

Mais elogios também foram registrados pelo cronista Otávio Cavalcanti na mesma *Folha da Manhã* (29 de novembro de 1955):

"Musica, Divina Musica", autorizado pela Secretaria de Educação do Estado e promovido pela Divisão de Extensão Cultural e Artística, como festividade de encerramento das atividades artísticas dos escolares, foi um espetáculo que talvez houvesse ultrapassado a própria imaginação dos seus executores: Sra Maria Vanderlei Meneses, (diretora da D.E.C.A.) Valter (sic) de Oliveira (dirigente geral do espetáculo) e o maestro Nelson Ferreira na composição e regência das suas musicas. Descerrado o pano de cena do Santa Isabel, eu via desfilar diante dos meus olhos atonitos e deslumbrados, grupos e mais grupos de crianças cheias de vivacidade, de simpatia e de graça; sorridentes, desenvoltas, harmoniosas e em numeros belamente ritimados, tão bem ensaiadas e digiridas: belas composições coreograficas; "musicas divinas", cenários deslumbrantes; espetáculo enfim, empolgante e inedito, digno de ser visto muitas vezes e mantido pelos poderes publicos como um dos "corpos estaveis" do Teatro Santa Isabel.

No entanto, por conta de alguns números que lembravam "as licenciosidades de revistas apimentadas", o cronista Isaac Gondim Filho reprovou trechos do espetáculo, como o *Can-can*, que lembrava "os cabarés parisienses da *belle époque*", assim como a dança de gafeira com "namoradas" de marinheiros nos cais do porto, ou seja, prostitutas, além de poesias com "intenções de adultos". Segundo Gondim, no espetáculo, a parte pedagógica era "tão profundamen-

te ferida através de quadros onde impera uma condenável malícia de adulto” que o resultado era de vários “senões censuráveis”. Tais comentários, publicados no *Diário de Pernambuco* (24 e 25 de novembro de 1955), não agradaram a diretora da DECA, D. Maria de Lourdes Wanderley, que mandou publicar, somente dois meses depois, artigo refutando as opiniões do cronista, “contendo graves ataques nominalmente”, segundo o próprio, ainda que houvesse suprimido as partes condenadas pelo mesmo no espetáculo logo após a publicação dos textos iniciais. O caso virou polêmica e repercutiu em mais sete artigos diferentes de defesa (24, 25, 26, 27, 29, 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 1956), sob o título *Em torno de um espetáculo infantil*, nos quais Isaac Gondim Filho reiterou sua opinião, listando a de outros cronistas, como W., Otávio Cavalcanti e José Maria Marques. Resgatou, então, o que viu em cena:

(...) números verdadeiramente chocantes, por estarem fora daquilo que deveria ser uma revista infantil: o “Can-can” onde as meninas revivem, por imitação e por imposição uma malícia que lhes destoa tentando reviver as mundanas de tantos anos passados.

Muito mais se poderia acrescentar. Por exemplo, as meninas que interpretavam o referido número desciam à passarela fazendo para os espectadores sinais e gestos significativos, como se combinassem encontros para depois; disputavam-se com as vizinhas, anotavam endereços e mostravam as ligas. E ainda, o que era muitíssimo mais grave: ao final do número, agradeciam os aplausos com as nádegas voltadas para o público. Ao mesmo tempo que levantavam as saías.

Os demais números são adultos, alguns com duplas intenções e até com realida-

des maliciosas e, pelo fato, mesmo grotescas, em se tratando de crianças.

E o espetáculo não voltou a acontecer mais. Ainda no dia 15 de novembro de 1955, às 20h30, foi a vez do Conjunto Teatral Marista pisar novamente no palco do Teatro de Santa Isabel para a estreia da tragicomédia para crianças e adultos, *Meus Santos Diabinhos*, “peça para rir e para pensar”, sob direção artística de Alderico Costa e autoria de Isaac Gondim Filho, fixando travessuras de coroinhas numa igreja matriz de subúrbio. Foi a 4ª vez que a equipe levou à cena um original do autor – antes havia feito *Uma Estrela Correu no Céu*, *A Vida Continua Amanhã* e *Senhorzinho de Engenho*. Junto aos dois últimos, *Meus Santos Diabinhos* forma a Trilogia Infantil Nordestina. O cenário foi assinado pelo Irmão Afonso Haus, recém-chegado da Europa e com novos conhecimentos a aplicar. Já havia lembrado a *Folha da Manhã* (1 de junho de 1955):

O referido trabalho (...) constituirá mais uma contribuição nêsse gênero teatral, para o desenvolvimento do teatro infantil tão excasso (sic) quão necessário entre nós, para a formação de uma mentalidade teatral das crianças, que só conhecem o cinema, o rádio e o futebol.



No elenco, José de Moraes Melo Júnior (Jaime), José Carlos Dubeux (Tadeu), Lourenildo Guerra (Augusto), Gilmar Almeida (Murilo), Jarbas Carvalho (Valdir), Nelson França (Wilson), Fernando Almeida (Rivaldo), Eduardo Orlando Aguiar (Rui), José Beltrão Júnior (Bola Sete) e Gildo Sá (Tijipió). A montagem, cuja estreia se deu paralelamente à polêmica com a peça *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, na versão do Teatro de Amadores de Pernambuco, contou apenas com quatro únicas exibições “devido aos compromissos do Teatro Santa Isabel e às provas que estão próximas”, conforme o jornal *Folha da Manhã* (8 de novembro de 1955), sendo as três seguintes nos dias 19 de novembro, às 15 horas, e dia 20, às 10 horas com vespéral de despedida às 15 horas. No jornal *Folha da Manhã*, vieram elogios (17 de novembro de 1955):

Constituiu êxito a volta do Conjunto Teatral Marista (...) o entrecio da peça agradou a quantos tiveram oportunidades de estar presentes, apreciando também o trabalho de Alderico Costa, responsável pela encenação do espetáculo e sobretudo pelo rendimento artístico que conseguiu dos interpretes infanto-juvenis (...) Além da peça que marca um novo sucesso para o autor, Isaac Gondim Filho, foi também o cenário idealizado e realizado por Ir. Afonso Haus, um dos motivos de grande agrado.

O cronista Otávio Cavalcanti também pontuou mais detalhes na *Folha da Manhã* (24 de novembro de 1955):

Gosto muito de espetáculos infantis, e tanto mais bem feitos quanto mais me divertem e agradam, embora tenha sempre um pressentimento de que irei me aborrecer com o inevitável “tônus” cantante das “falas” dêsses intérpretes mirins, coisa quase sempre – ao que



parece – não muito cuidada pelos diretores de cena. Achei engraçada a nova peça de Isaac Gondim Filho – “Meus santos diabinhos” – por ter sido feita especialmente para o desempenho de crianças, entre as quais notei algumas evidentes vocações histriônicas no Conjunto Teatral Marista, denunciando pequenos valores interpretativos. No entanto, sendo o tema da peça um dêsses episódios da infância – traquinadas naturais da idade, esperava um enredo mais sugestivo e um desenvolvimento mais *endiabrado*, que despertassem maior curiosidade pelo seu desfecho. (...) Mas o outor (sic) tratou o tema com demasiada “benignidade”, fazendo dos “Coroinhas” mais “santos” do que “diabinhos”. Há, contudo, o fundo moral e educativo, da obediência dos alunos e da regeneração de “Tejipió” por influência da meninada. De certo que a direção geral do Ir. Abel Gonzales e a técnica da montagem de Alderico Costa procuraram dar o máximo rendimento o (sic) texto, “expressando-o” (sic) até ao bagaço, com o que pôde movimentar mais as cenas (...) E por sua vez o Ir. Afonso Haus deu uma bela *atmosfera* dramática com o seu cenário sugestivo dum terreiro



Chapeuzinho Vermelho

de igreja e a perspectiva da sacristia, (...) apresentando, ao fundo, uma paisagem regional do nosso arrabalde, numa elevação de morro e casa de habitação. E quanto a interpretação, que decorreu regularmente, em conjunto, gostei imensamente da naturalidade de alguns intérpretes, que são evidente promessa, tais como: Jarbas Carvalho – o “Waldir”, pelos seus gestos espontâneos (sic) e resolutos; José Carlos Dubeux – o “Tadeu”, um futuro galã; Gildo Sá, esteve muito bem no papel destacado e difícil de “Tejpió”, o ébrio contumaz, em que se comportou sem decair em cena alguma; José Beltrão – o “Bola Sete”, pretinho engraçado e desembaraçado, e Nelson Sena – o sacristão “Wilson”, que além destes tipos interessantes e convincentes foi um dos mais destacados e promissor; o “padre Rivaldo” (Fernando Almeida), não se foi mal, porém não convenceu muito no tipo por estar moço demais, parecendo melhor um seminarista ainda; os demais foram personagens complementares. Mas, o certo é que o conjunto dos Maristas tem muitos elementos que poderão, bem ensaiados dar um elenco de verdadeiros atores, num teatro de verdade.

Como destaque no interior de Pernambuco, ainda em 1955, mesmo trazendo o nome Teatro de Amadores Mirim, surgiu na cidade de Caruaru este conjunto cênico que não tinha como objetivo primeiro montar peças para crianças. Sua estreia se deu com o texto adulto *Sindicato dos Mendigos*, de Joracy Camargo, dirigido por Wilson Feitosa. Mais à frente, o grupo foi rebatizado de Teatro de Amadores de Caruaru (TAC) e passou a montar tanto peças para adultos quanto para crianças: *Pluft, o Fantasmilha*, de Maria Clara Machado (1957); *Chapeuzinho Vermelho*, de Paulo Magalhães (1958); *O Boi e o Burro a Caminho de Belém* (1958); *O Casaco Encantado* (1959) e *O Rapto das Cebolinhas* (1961), todas sob direção de Luiz Mendonça.

No Recife, no bairro de Afogados, ao final do mês de novembro de 1955, o palco do Motocolombó Esporte Clube passou a apresentar espetáculos teatrais em benefício das obras sociais da Paróquia dos Afogados, contando com “senhorinhas da sociedade afogadense e alunas dos diversos educandários daquele arrabalde”, de acordo com a *Folha da Manhã* (26 de novembro de 1955). No Jardim 13 de Maio, o Teatro Almare ganhou mais espaço, sendo “inaugurado” naquele mesmo ano, armado no recinto da XXII Festa da Mocidade e acomodando mais de duas mil pessoas. A estreia se deu com a peça *Quem Comeu Foi Pai*

Adão, de Luiz Iglesias e Humberto Cunha, pela Companhia de Revistas Gracinda Freire, do Rio de Janeiro. Para participar daquela festa popular, o Juizado de Menores baixou portarias regulamentando a entrada e permanência de menores de idade, devidamente registradas pelo jornal *Folha da Manhã* (23 de novembro de 1955):

Determinando que os presepiós e outras diversões juvenis êste ano funcionem no período de 25 de novembro a 10 de janeiro seguinte, entre 18 e 22 horas, 3 vezes por semana, só tomando parte nos divertimentos menores de 9 a 14 anos, quando préviamente submetidos a exame médico abolidos, outrossim, jogos e bebidas alcoolicas nos locais dêsses folguedos e nas suas imediações. Não será permitida a entrada de menores de 10 anos após às 18 horas. A frequência no Teatro é proibida aos menores de 18 anos, os quais não poderão participar dos jogos ali existentes, nem fazer uso de bebidas alcoolicas.

No domingo 18 de dezembro de 1955, voltando a ocupar o palco do Centro Paroquial Frei Casimiro, após o sucesso de *A Pequena Cigana* no Teatro de Santa Isabel, o Grupo Infantil de Comédias apresentou em vespéral, às 16 horas, a peça religiosa em 2 atos e uma apoteose, *O Nascimento de Jesus*, com os seguintes quadros: *Bailados dos Pastores*, *Aparição da Estrela*, *Bailados das Pastoras*, *A Chegada dos Reis Magos do Oriente à Jerusalém*, *Aparição do Anjo Gabriel* e *Adoração ao Menino Jesus*. No elenco, Jeferson Barbosa e Sônia Maria, entre outros. Importante registrar que ainda em 1955 foi realizado o I Festival Nortista de Teatro Amador na cidade do Natal, no Rio Grande do Norte, com a participação de várias equipes pernambucanas e nenhuma atração para a infância.



Já na data 21 de junho de 1955 foi fundada a ACTP (Associação dos Cronistas Teatrais de Pernambuco) que, a cada início de ano, entregava troféus aos Melhores do Teatro, premiação que existiu até 1968 – sempre referente ao ano anterior – e quase nunca voltou sua atenção ao teatro infantil. Segundo dados colhidos na imprensa e nos programas da Festa dos Melhores, constam apenas indicações a seis espetáculos infantis durante toda a sua existência: *Chapeuzinho Vermelho*, do Teatro do DECA, em 1959, referente aos Melhores do Teatro Pernambucano Durante o Ano de 1958; *O Palhacinho Pimpão*, *Pluft – O Fantasminha*, ambos do Teatro de Arena; *O Casaco Encantado*, do Conjunto Teatral Marista, e *Da Lapinha ao Pastoril*, do Teatro de Cultura Popular (TCP), este último, o único infantil premiado pela ACTP (cenário para Wilton de Souza) no ano de 1964, listando os Melhores de 1963; e *A Bela Adormecida*, do Teatro da Criança (como passou a ser chamado temporariamente o Teatro do DECA), em 1965, referência aos Melhores de 1964. Ainda que fragilizada desde muitos anos antes, há registros da ACTP até 1968.

Como balanço final de 1955 e prestes a celebrar quinze primaveras de lutas, o Grupo Infantil de Comédias ganhou novo destaque no jornal *Folha da Manhã*, com entrevista do seu diretor Valdemar Mendonça (29 de dezembro de 1955):

Realizamos neste ano, 15 espetáculos, assim discriminados: 11 no Centro Paroquial Frei Casimiro; um no Teatro do Dérbi em benefício da Capela Escola Santa Terezinha, um no teatro do Clube Litero-Recreativo Mário Sete, pela passagem do quarto aniversário daquela agremiação; um no Teatro do Instituto do Prado, e outro no Teatro Santa Isabel. (...) peças do nosso repertório exclusivo: "Papai Noel", "Santa Terezinha do Menino Jesus", "Reminiscências", "A História do Mendigo", "O Poder da Fé", "A Princesa Maluca", "A Pequena Cigana", "A Madrasta", "As Duas Marias", "O Corvo e a Raposa", "Suave Milagre", "Quando Chega a Felicidade" e "O Nascimento de Jesus". Grandes tem sido as dificuldades para a manutenção deste teatro infantil, que no mês de maio do ano que se aproxima, completará 15 anos de atividades. (...) Além dessas despesas com os nossos auxiliares o Grupo reserva também uma contribuição mensal para a matriz de Nossa Senhora do Bom Parto, a título de compensação pelo teatro do Centro Paroquial Frei Casimiro, que ocupa afim de realizar seus espetáculos. (...) Desde os primeiros anos de existência deste Grupo, que venho lutando para conseguir a construção de um teatrinho popular, dotado de um aparelhamento necessário à encenação de qualquer peça, porém infelizmente até hoje não consegui esse objetivo. Até uma pequena subvenção de CR\$ 500,00 que o Grupo Infantil de Comédias recebia para auxiliar as despesas de mais de

CR\$ 1.000,00 por espetáculo, não foi incluída no orçamento do ano de 1956 (...) Atualmente, o nosso elenco é constituído de 25 artistas mirins de ambos os sexos. Para iniciar as atividades do Grupo Infantil de Comédias no ano de 1956, já escolhi duas comédias interessantes de autoria de Figueiredo Pimentel, as quais se intitulam: "A Avósinha" e "Almas do Outro Mundo", e serão levadas à cena no teatro do Centro Paroquial Frei Casimiro, em Campo Grande, no dia 22 de Janeiro.

Em fevereiro de 1956, Celeste Dutra encenou nova peça do gênero infantil no Teatro de Santa Isabel, *O Príncipe Teimoso*, baseada na lenda da Caapora. O cronista Isaac Gondim Filho teceu comentário sobre sua dramaturgia no *Diário de Pernambuco* (28 de fevereiro de 1956):

Celeste Dutra não é uma estreante no gênero. Há anos foi jornalista ao mesmo tempo que se revelava poetisa de larga inspiração. A sua veia poética continuou (sic), fornecendo-lhe magníficas produções, enquanto por dever de ofício escreveu e realizou alguns espetáculos levados ao palco tendo como intérpretes apenas crianças. Algumas destas suas realizações tivemos ocasião de assistir no Teatro Santa Isabel, como aconteceu com "Mundo das Ilusões" e "Retalhos Coloridos". (...) Eis que agora, à sua volta do Rio, anunciou-nos Celeste Dutra a confecção de uma outra peça infantil (...) "O Príncipe Teimoso" é uma lenda. Como tal e em se tratando de quem é a autora, não poderia deixar de transpirar poesia no mais puro sentido da expressão. E mais ainda, esta poesia não chega a sufocar a trama teatral (...) A ação dramática e o sentido poético harmonizam-se dando como resultado

uma belíssima composição teatral, (...) cremos que a peça em questão há de interessar a todos, independentemente de idades. Naturalmente, "O Príncipe Teimoso" resente-se de certa técnica, sobretudo em tempo de ação e tempo real, além de sofrer limitações de desenvolvimento e de solução de planos. (...) De qualquer maneira uma peça que, mesmo como está inscreve-se entre as boas obras do gênero e, se melhorada, há de conseguir posição das mais elevadas.

Por sua vez, o Grupo Infantil de Comédias divulgou dois outros trabalhos em sessão única no palco do Centro Paroquial Frei Casimiro: nova versão de *Meu Sertão*, que estreou em fevereiro de 1956; e *As Flores da Padroeira*, atração do mês de maio, dois textos escritos e dirigidos pelo incansável Valdemar Mendonça. Programado para acontecer no Recife, o II Festival Nortista de Teatro Amador foi realizado em 1956 com apenas uma peça infantil escalada, *Pluft, o Fantasminha*, da dramaturga Maria Clara Machado, sob direção de Willy Keller, pelo Teatro de Amadores de Maceió, considerada "uma boa surpresa", segundo o cronista teatral Otávio Moraes, do *Diário da Noite* (15 de outubro de 1956). No papel



do Pirata Perna de Pau, o ator alagoano Romildo Halliday ganhou elogios rasgados da crítica. A peça levou o prêmio de melhor direção no evento, disputando com montagens adultas.

O ano de 1956 marcou ainda o lançamento da peça *A Compadecida* (posteriormente intitulada *Auto da Compadecida*), de Ariano Suassuna, pelo Teatro Adolescente do Recife, sob direção de Clênio Wanderley, com pouquíssimo público nos três dias que foi apresentada no Teatro de Santa Isabel (com a última sessão cancelada pela ausência de plateia) e duramente criticada por Valdemar de Oliveira. Mesmo assim, a montagem foi convidada a integrar o I Festival de Amadores Nacionais, no Teatro Dulcina, no Rio de Janeiro, em 1957, num chamado de Paschoal Carlos Magno e conquistou a medalha de ouro como melhor espetáculo, consagrando o dramaturgo Ariano Suassuna nacionalmente. A crítica pernambucana teve, então, que render-se a tantos elogios. O caso virou polêmica no Recife e a ACTP recomendou a seus associados, "principalmente àqueles que escrevem ocultos por pseudônimos", mais comedimento na linguagem de suas crônicas. Ariano Suassuna vibrou no *Diário de Pernambuco* (10 de janeiro de 1957):

Só tenho palavras para aplaudir tal atitude da associação de classe. Já era tempo que alguém se pronunciasse





contra o tom que está tomando a crônica teatral do Recife. O Teatro já tem muitos inimigos externos para estarem os cronistas se transformando em fator de divisão e de intrigas, no meio em que os choques são comuns, pela própria natureza do trabalho e pelo temperamento irrequieto que parece ser inerente aos artistas.

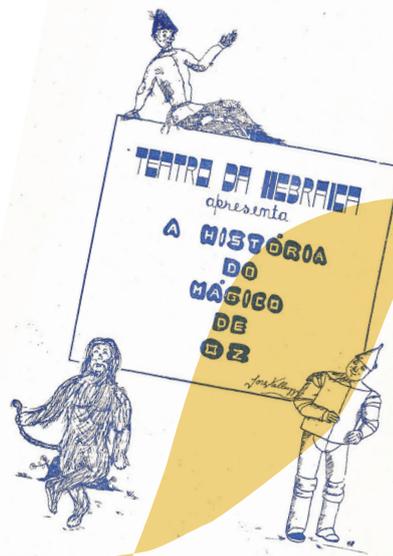
No dia 27 de janeiro de 1957, o Grupo Infantil de Comédias reapresentou no Centro Paroquial Frei Casimiro duas peças, *A Madrasta*, original de Amélia Rodrigues em 2 atos, e *O Corvo e a Raposa*, de autoria de Coelho Neto, em 1 ato. No elenco de artistas mirins, novos nomes, Hugo Cavalcanti, Vera Lúcia Queiroz, Gildete Araújo, Marilda Queiroz, Ely Cavalcanti, Maria Frassinete, Gilvanete Oliveira e Eugênio Presta. Em setembro de 1957, o Teatro de Brinquedo reapareceu no Teatro de Santa Isabel com *O Medroso*, peça em 3 atos escrita por Graça Mello, com diálogos de Miroel Silveira. **Dirigido por Alfredo de Oliveira, o elenco estava composto pelos atores Celso Almir (Vovô), Bianor de Oliveira (Netinho), Néslon de Senna (Rei), Célio Malta (1º Ministro), Orley Mesquita (2º Ministro), Edmilson Catunda (3º Ministro), Violêta Cláudia (Princesa), Hercy Lapa de Oliveira (Fada) e o próprio Alfredo de Oliveira (Príncipe).** Ainda na ficha técnica, cenários do professor Mário Nunes, figurinos de Hercy Lapa de Oliveira e eletricidade de Aníbal Mota. No programa da peça,

Alfredo de Oliveira chegou a anunciar a próxima atração do Teatro de Brinquedo, *Alí-Babão e as Quarenta Babás*, algo que não aconteceu. Já em dezembro de 1957, foi a vez de Walter de Oliveira assumir a direção de um espetáculo do Teatro do DECA, com o infantil *O Rapto das Cebolinhas*, de Maria Clara Machado. A peça foi muito bem recebida pelo cronista Adeth Leite, que escreveu no *Diário de Pernambuco* (1 de dezembro de 1957):

A peça infantil está um primor de bom gosto pelo senso artístico com que o diretor concebeu o cenário, pela segura interpretação dos garotos da Escola de Aplicação Conego Rochael de Medeiros e precisamente pela honestidade com que a comédia foi levada à cena. Teatro Infantil é isso. É algo com que a criança se sinta à vontade. Trabalho que transmite o seu valor pessoal aos seus colegas e, no fim, compreenda que foi útil ao seu público e a si mesmo. Isto a gente sente em "O Rapto das Cebolinhas" em cada cena, em cada marca. Admirável espontaneidade com que o menino José Carlos Figueiroa viveu a figura de Maneco. Bôa dição (sic), sem nenhum complexo, dando a inflexão necessária e um bom jogo de mãos, Maneco atraiu para si a atenção geral (...) A sua "irmã" Lucia (Luiza Maria de Lima), não obstante não ter podido libertar-se do cantado

da interpretação, muito contribuiu para o rendimento artístico da recita. (...) Está provado que o diretor é quem faz o ator. A afirmativa tem a sua razão de ser quando aplicada às “performances” anteriores do ator Josué Ambendas, e quando agora se tem a oportunidade de vê-lo como o “Medico” de “O Rapto das Cebolinhas”, dando á interpretação um tom convincente, sobrio, vivo, sagaz, pelo milagre direcional de Walter de Oliveira. (...) Paulo Ribeiro – na figura de Camaleão Alface – esteve num dos seus grandes dias, provocando o riso das crianças (...) Otimas as marcas (...) “O Rapto das Cebolinhas” é um belo espetáculo que os alunos das escolas primarias do Recife estão proporcionando a quantos tem comparecido ao Santa Isabel; e que hoje, ás 16 horas, terá sua última exibição. O trabalho é completado com Walter de Oliveira (coronel) e os meninos Augusto de Oliveira (no cão Gaspar) Simone de Albuquerque (gata Floripedes), e Marcilio José dos Santos (o burro Simeão).

Em 1958, de 19 a 29 de julho, Recife tornou-se sede do I Festival Nacional de Teatros de Estudantes, recebendo mais de setecentos artistas amadores de todo o país, numa iniciativa de Paschoal Carlos Magno. Inaugurado pelo presidente da República, Juscelino Kubitschek, o evento reuniu espetáculos nos teatros de Santa Isabel e do Dérbi, além de conferências, debates, cursos, baile, entrega de prêmios e um inédito julgamento da personagem Hamlet (vivido pelo ator Sérgio Cardoso) no Tribunal de Justiça do Recife. Na intensa programação, em meio às produções para adultos, constou apenas uma peça para crianças, *A História do Mágico de Oz*, de José Valluzi, apresentada pelo Teatro da Hebraica, do Rio de Janeiro, sob direção de Jorge Levy. Na 2ª edição do evento, no ano



de 1959, na cidade paulistana de Santos, o TUP conquistou o 1º prêmio de direção por *Gueras do Alecrim e Manjerona*, de Antônio José, o Judeu; e o Teatro do Estudante Israelita de Pernambuco (TEIP), em sua 1ª investida teatral lançada em 1958, ficou com o troféu de Melhor Espetáculo pela peça *Ratos e Homens*, de John Steinbeck, dirigida por Graça Mello. Com mais de 30 espetáculos em sua programação, também apenas uma peça infantil foi agendada, *O Rapto das Cebolinhas*, de Maria Clara Machado, pelo Grupo Experimental de Teatro Infantil, da cidade de Santos. Prova de que, há tempos atrás ou hoje, o segmento para a infância ainda é bastante desprestigiado na escalação de programação dos grandes festivais Brasil afora.



Esse final da década de 1950 é realmente o período dos primeiros festivais de teatro no Brasil, tanto que ainda em 1958 foi criado o I Festival de Teatro Infantil, no Rio de Janeiro, no Teatro João Caetano, numa promoção do Serviço Nacional de Teatro (SNT), mesmo ano em que, a partir de 24 de outubro, teve início o I Festival Brasileiro de Teatro de Bonecos, no Teatro Nacional de Comédia, no Rio de Janeiro, numa promoção também do SNT, assim como o I Congresso Brasileiro de Teatro de Bonecos, no auditório do Ministério da Educação. O pesquisador Alex de Souza publicou em sua dissertação de Mestrado em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), *Só, Mas Bem Acompanhado: Atuação Solo e Animação de Bonecos à Vista do Público* (disponível em: http://www.ceart.udesc.br/ppgt/dissertacoes/2011/alex_de_souza.html. Acessado em: 20 de agosto de 2013):

O primeiro festival dedicado ao teatro de animação no Brasil de que se tem informação ocorreu no ano de 1958, no Rio de Janeiro. O 1º Festival Brasileiro de Teatro de Bonecos e o 1º Congresso foram curiosamente promovidos pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais e não pelos próprios bonequeiros. De fato, nessa época os artistas que trabalhavam com teatro de animação tinham dificuldades para trocas de experiências e os contatos entre si eram menores, dadas as grandes distâncias brasileiras. Segundo Humberto Braga (2007a), nove grupos participaram desse festival.

O ano de 1958 também marca a realização do I Congresso Brasileiro de Teatro Amador, em Natal. Já na capital pernambucana, enquanto o Teatro dos Comerciantes do Recife foi inaugurado no Sindicato dos Bancários, à avenida Conde da Boa Vista, com foco apenas em produções para

adultos, despontavam novas peças para a meninada. O Grupo Infantil de Comédias apresentou *As Astúcias do Primo Zeca*, com seus atores-mirins, na sede do Flamengo Atlético Clube, em São Lourenço, na Região Metropolitana do Recife. Em outubro, foi a vez de *A Filha do Bosque*, de José Emídio de Lima. Em dezembro, no Grêmio Mário Sete, de Campo Grande, retomaram a comédia em 2 atos *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues, e *A Borboleta Negra*, em um ato, de Coelho Neto. No 2º semestre de 1958, foi a educadora Maria José Campos Lima quem ganhou destaque pela direção de novas peças para o público infantil através do Departamento de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura. Em outubro, ela estreou, num único espetáculo, duas peças curtas, *Seis Pessoas Que Passam Enquanto as Lentilhas Cozinham*, provavelmente uma versão sua para *Quatro Pessoas Passam Enquanto as Lentilhas Cozinham*, de Stuart Walker; e *Negrinho do Pastoreio*, de Zorah Seljan. Já os alunos do curso primário do Colégio Americano Batista ocuparam o palco do Teatro de Santa Isabel em outubro de 1958, às 19h30, com *Os Coelhinhos*, de Rute Maria, e a opereta em três quadros, *Branca de Neve*, de Alexandre Weisseman. Os quadros desta última foram *O Espelho Mágico*, *A Gruta dos Anões* e *O Desencanto*.

Pretendendo atrair a plateia adulta, a 7 de novembro o Teatro de Amadores de Pernambuco estreou *Onde Canta o Sabiá*, de Gastão Tojeiro, sob direção de Hermilo Borba Filho, no Teatro de Santa Isabel, um de seus grandes sucessos, que vai ganhar remontagem mais à frente. Pouco depois deste lançamento adulto, no domingo, dia 9 de novembro de 1958, às 10 horas, no Teatro Marrocos, com nova sessão às 16 horas, estreou mais uma peça infantil na cidade, *O Violino Encantado*, texto em 3 atos de Vanildo Bezerra Cavalcanti, pelo mais novo conjunto profissional fundado no Recife, Os Atores Profissionais Unidos, sob direção



artística de Paulo Ribeiro, ator ex-integrante da Companhia de Comédias Bibi Ferreira. No elenco, Aloísio Campelo, Hélio Lêdo, Erivaldo Mota, Juarez Diniz, Miriam Moreno, Wanda Leite, Antônio José Barreto e o próprio Paulo Ribeiro. A peça voltou à cena mais duas vezes naquele ano. A equipe foi saudada pelo cronista Adeth Leite no *Diário de Pernambuco* (12 de novembro de 1958):

Abrimos, aqui, um crédito de confiança em favor do mais novo conjunto profissional fundado no Recife "Os Atores Profissionais Unidos", que, sob a orientação do ator Paulo Ribeiro se propõe a encenar espetáculos sadios para o entretenimento da criançada recifense. A idéia é aprovável, uma vez que as crianças da capital pernambucana estavam desprovidas de espetáculos próprios para o seu entendimento, compreensão e educação teatral. Este é o melhor propósito do *APU*: fazer do espectador *mignon* um futuro habitué de teatro. O conjunto é pobre. Iniciou o seu jornadaio sem grandes aparatos; mas, para isso, escolheu um bom original. Trata-se da comédia infantil de Vanildo Bezerra Cavalcanti, "O Violino Encantado". Como não podia deixar de ser, o original é vasado nas eternas histórias de fadas, bruxas, príncipes e varinhas de condão. E' uma forma antiga de teatro para crianças, sabido que a meninada de hoje prefere mais os contos de certas revistas, as histórias de quadrinhos com os seus heróis e os seus vilões. (...) Embora pareça fácil, é difficilimo a arte de fazer teatro para a criança. Na sua espontaneidade ela aplaude aquilo que realmente é digno de aplauso. E' um dom intuitivo da criança. Por isto, queremos fazer um apêlo aos organizadores do conjunto: não se preocupem dema-



siado com o lado comercial da etapa: o essencial é plantar a semente.

No mesmo domingo 9 de novembro e divulgando-se como "a mais popular Emissora do Nordeste", a Rádio Tamandaré, através do seu Departamento de Rádio-Teatro, inaugurou o programa em capítulos *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, aos domingos, às 19h30, com as histórias de Monteiro Lobato radiofonizadas por Athayde de Carvalho e dirigidas por Evandro Vasconcelos. As personagens foram interpretadas por rádio-atores como Rosa Maria, Rudy Barbosa, Carmen Tovar, Sebastião Vilanova e Marina Azevedo, entre outros. Ainda em novembro de 1958, Maria José Campos Lima lançou sua versão para *Chapeuzinho Vermelho*, peça em 3 atos de Maria Clara Machado, com a própria diretora assinando os figurinos e cenário. Nesta nova produção do Teatro da Criança (como passou a ser chamado temporariamente o Teatro do DECA), centenas de crianças de orfanatos e colégios lotavam a plateia do Teatro de Santa Isabel com entrada franca, sendo duas sessões diárias num sábado, às 15 horas e 20h30, e no domingo, às 10 horas. **No elenco constavam Helaice Sales, Jurandir Ferreira, Alna**

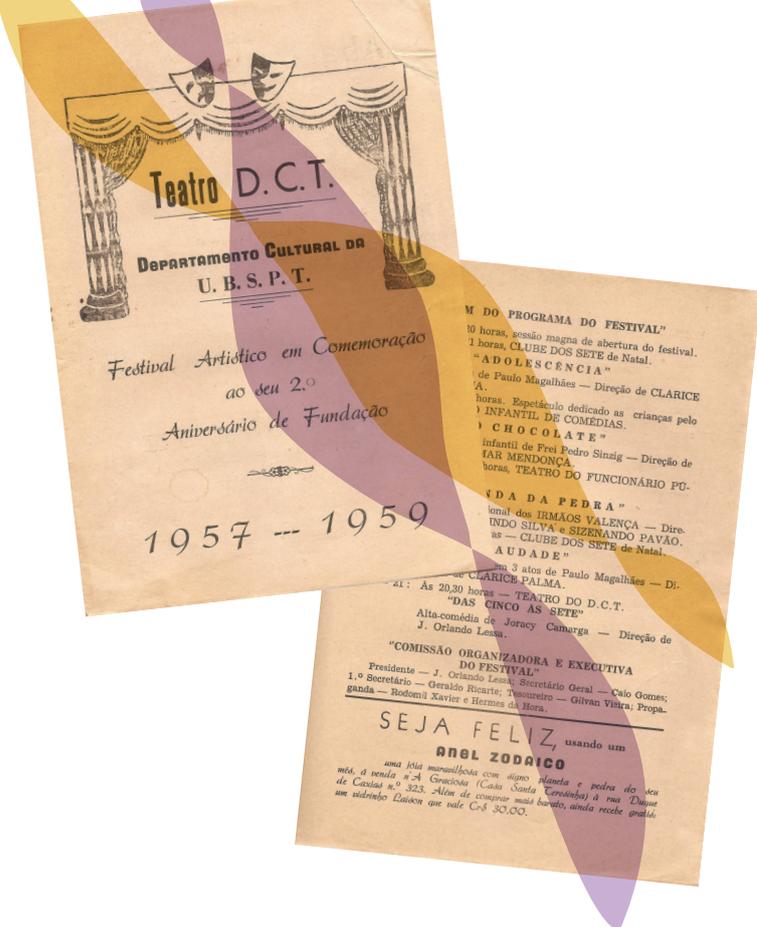
Ferreira (que futuramente será uma das fundadoras do Clube de Teatro Infantil, símbolo da profissionalização do setor no Recife), Adáura Barrêto, Juracy Ribeiro, Glauciete Costa, Hélio Mororó, Ozita Araújo, Alfredo Sérgio Borba, Zodja Pereira, Ênio de Andrade, Luiz de Lima, Ana Campos Lima e a própria diretora, Maria José Campos Lima.

Também em novembro de 1958, a Companhia Internacional de Marionetes Rosana Picchi, da Itália, cumpriu temporada de um mês no Teatro Marrocos, até 4 de janeiro de 1959, com espetáculo de bonecos para agradar a “crianças de 3 a 95 anos”, como divulgavam na imprensa. As sessões noturnas aconteciam às 20h30, e os vesperais, às 16 horas. Do Recife, a trupe seguiu para temporada em João Pessoa, na Paraíba. Enquanto isso, a Nova Festa da Mocidade apresentava a *Primeira Grande Matinée Infantil*. Entre as atrações, o Teatro de Variedades com a Cia. Gracinda Freire, dando destaque à dupla Gracinda Freire e Valdir Maia, além do comediante Armando Ferreira, e o Teatro de Bonecos. Na Matriz da Madalena era exibido o *Presépio* dos irmãos João e Raul Valença, atraindo famílias inteiras para esta opereta-pastoril lançada em fins do século XIX até 1901 e retomada em 1917.



O ano de 1959 nem bem começou e a imprensa já reclamava da quantidade de formaturas de escolas superiores e escolas primárias durante todos os meses de dezembro no Teatro de Santa Isabel, impedindo que grupos de teatro o ocupassem. Lá, acontecia de tudo: festival de arte de alunas de balé e audição de cursos de danças clássicas; espetáculos de variedades promovidos por instituições de ensino e consulados; audição de pianistas; apresentações da Orquestra Sinfônica do Recife, geralmente com convidados especiais; além das criticadas formaturas, entre outras atividades. Foi ainda em janeiro de 1959, no Teatro Deodoro, na cidade de Maceió, sob a coordenação do diretor daquela casa de espetáculos, Bráulio Leite Júnior, que foi realizado o competitivo III Festival Nortista de Teatro Amador, com a participação de atrações do Ceará, Sergipe, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Pernambuco. Do Recife, foram convidados, além de representantes da ACTP, o TUP com a peça *Guerras do Alecrim* e *da Manjerona*, de Antônio José da Silva, o Judeu, sob direção de Graça Mello; o TAP com a peça *Seis Personagens à Procura de Um Autor*, de Pirandello, com direção de Hermilo Borba Filho; e a comédia infantil *Chapeuzinho Vermelho* (única representante do gênero na programação), pelo Teatro da Criança, do DECA, sob direção de Maria José Campos Lima, os dois últimos em caráter *hors concours*. No evento, ainda houve uma palestra sobre teatro infantil proferida pelo teatrólogo Armando Maranhão.

Na capital pernambucana, a montagem infantil *O Violino Encantado*, de Vanildo Bezerra Cavalcanti, voltou ao Teatro Marrocos logo após o carnaval de 1959, cumprindo sessões aos domingos e feriados, às 10 e 16 horas, numa realização dos Atores Profissionais Unidos, sob direção artística de Paulo Ribeiro. Foi neste mesmo ano que o Grupo Infantil de Comédias integrou um festival artístico em comemoração ao 2º



aniversário de fundação do Teatro do D.C.T., ligado ao Departamento Cultural da União Brasileira dos Servidores Postais-Telegráficos, com a montagem *O Chocolate*, comédia infantil de Frei Pedro Sinzig, sob direção do próprio Valdemar Mendonça. Já no dia 13 de dezembro de 1959, o Teatro do Parque, agora reformado, voltou a receber peças de teatro com a temporada popular e vitoriosa de *Onde Canta o Sabiá*, do TAP. Inaugurado em 1915, desde 1929 aquele teatro estava funcionando apenas como cinema. O cronista Adeth Leite comemorou no *Diário de Pernambuco* (13 de dezembro de 1959): "Voltou a funcionar com a finalidade a que lhe destinou o seu construtor o comendador Bento Aguiar. Mais uma casa de espetáculos teatrais na vida do Recife".

Pouco depois, no Teatro de Santa Isabel, nos dias 29 e 30 de dezembro, respectivamente às 20h30 e 15h30, com nova sessão em janeiro de 1960, às 15 horas, o Departamento de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura apresentou a peça infantil *Josefina e o Ladrão*, 3 atos de Lúcia Benedetti, com a qual anunciou um possível elenco permanente para o Serviço de Teatro Escolar. Com Beatriz Ferreira voltando

a dirigir o grupo, atuaram Maria Cléria de Andrade, Eloi de Oliveira, Bruno Romeiro, Maria Júlia Pinto Moreira, José Mário dos Santos, Rosivaldo Cavalcanti, Roberto Kromer Pinto, Alna da Silva Ferreira (futuramente assinando como Alna Prado), Pedro Paulo Falcão de Carvalho, Jurandy Assis Ferreira, Lúcio Carlos M. Feitosa e Jeanine Rodrigues Gonçalves. Alguns destes elementos realmente perduraram por um bom tempo com o Teatro do DECA. A sonoplastia ficou a cargo de Marco Caneca, tendo a luz de Aníbal Mota e, como maquinistas, Alceu Domingues Esteves e Aloísio Santana. Bom destacar que Beatriz Ferreira também ficou à frente de montagens com o elenco adulto do DECA, como no caso de *A Moratória*, de Jorge Andrade, produzida em 1961. As sessões, como sempre, aconteceram no Teatro de Santa Isabel. Ainda naquele ano, Walter de Oliveira dirigiu um novo espetáculo adulto no conjunto, *O Badejo*, comédia de Arthur Azevedo, com estreia em setembro. Em 1963, foi a vez de *Anúncio Feito a Maria*, de Paul Claudel, com lançamento em maio.

